

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL

Amanda Hoenisch Diehl

**ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS
INFANTIS**

Santa Maria, RS.
2020

Amanda Hoenisch Diehl

ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS INFANTIS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, Linha de Pesquisa Gestão Pedagógica e Contextos Educativos, Temática: Educação, saúde, acessibilidade e inclusão: psicopedagogia. Como requisito parcial a obtenção do título de **Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiane Romano de Souza Bridi
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Maria de Oliveira Pavão

Santa Maria, RS
2020

Hoenisch Diehl, Amanda
ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS
INFANTIS / Amanda Hoenisch Diehl.- 2020.
83 p.; 30 cm

Orientadora: Fabiane Romano de Souza Bridi
Coorientadora: Sílvia Maria de Oliveira Pavão
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Políticas Públicas e Gestão Educacional, RS, 2020

1. Educação 2. Infância 3. Contos infantis 4. Ateliê 5.
Psicanálise I. Romano de Souza Bridi, Fabiane II. Maria
de Oliveira Pavão, Sílvia III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

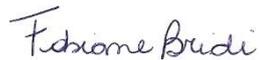
Declaro, AMANDA HOENISCH DIEHL, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Amanda Hoenisch Diehl

ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS INFANTIS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional, Linha de Pesquisa Gestão Pedagógica e Contextos Educativos, Temática: Educação, saúde, acessibilidade e inclusão: psicopedagogia. Como requisito parcial a obtenção do título de **Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional**.

Aprovado em 27 de outubro de 2020



Fabiane Romano de Souza Bridi, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Silvia Maria de Oliveira Pavão, Dra. (UFSM)
(Coorientadora)



Vanessa Dos Santos Nogueira, Dra. (SOBRESP)
(Professor Externo)



Leandra Bôer Possa, PhD. (UFSM)
(Professor Interno)

Santa Maria, RS
2020

AGRADECIMENTOS

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia, e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre à margem de nós mesmos. (FERNANDO PESSOA, 2011)

É tempo de travessia, é chegada a hora do encerramento de um ciclo, mas muitos outros ainda se abrirão e se fecharão, nas pausas, nos intervalos, necessários para que o movimento aconteça!

Esta travessia é o resultado de muitos fragmentos, de muitas escolhas e, conseqüentemente, renúncias...

É a materialização de muitos investimentos nos meus estudos, na minha escuta e na análise pessoal, muitas manhãs, tardes e noites acompanhadas de leituras e da escrita, que em muitos momentos me paralisava, momentos de encontro e desencontros. Por vezes, se fez necessário um afastamento, para que no encontro o desejo voltasse com toda a potência necessária, que me move e me encanta, a escrita me convoca, me liberta!

As palavras que aos poucos foram dando corpo para esta dissertação, para esta pesquisa, cada uma delas, tem um sentido simbólico, singular e plural, que permitem um posicionamento, uma sustentação pessoal e teórica para esta travessia.

Travessia, que começou muito antes de eu embarcar na seleção do Mestrado Profissional. Travessia, que eu hesitei muitas vezes, que paralisou. A autorização para a mesma, foi sendo lentamente descortinada, e me permito dizer que ela ainda não terminou. O antes, o durante e o depois, estes três tempos, que se conectam e se desconectam, se fazem meus companheiros neste processo.

A travessia seguirá, nesta mulher, que hoje, carrega as marcas das experiências, das lembranças da infância, da família, dos amigos, dos colegas, do grupo de pesquisa e dos grandes mestres que tive a oportunidade de encontrar, de aprender, de construir novos conhecimentos e desconstruir antigos.

Eu acolhi e fui acolhida, escutei e fui escutada, respeitei e fui respeitada. Me permiti entrar nesta travessia com uma história na bagagem, mas disposta a viver as possibilidades, os obstáculos, as presenças, e também as ausências que ao longo do caminho fui encontrando.

Foi necessário um tempo de elaboração para que hoje eu pudesse endereçar esta dissertação, estas experiências, estas questões que me encantam, inquietam, me convocam e me impulsionam ao movimento.

Narrar histórias, é dar voz, visibilidade, possibilitar um lugar de fala, de resistência, ético e político, é fazer um movimento com as palavras, possibilitando que as mesmas circulem, e quando a palavra circula sem restrições, a democracia se faz presente.

Ao concluir esta história tenho agradecimentos a fazer à minha orientadora, **Fabiane Romano de Souza Bridi**, pelo acolhimento, por acolher a minha escrita, as minhas palavras, o meu estilo de escrever e, principalmente, as minhas questões. À minha Coorientadora **Silvia Maria de Oliveira Pavão**, pela generosidade e cuidado, e as professoras que compõem a minha banca, **Leandra Bôer Possa e Vanessa Dos Santos Nogueira**, composta por mulheres, protagonistas, autoras de belas narrativas, histórias, que fazem com que as suas vozes façam coro e ultrapassem os muros das universidades em que atuam. Ter a companhia destas professoras que tanto admiro, tornam este endereçamento ainda mais especial e carregado de muita responsabilidade.

Construo um agradecimento que transborda afeto para a minha família, meu pai, **Marco Antônio Lampert Diehl**, o contador de histórias, que fez com que este desejo pelas narrativas me acompanhasse até hoje, suas histórias me fascinavam e fazem com que eu ainda me alimente delas, nas leituras, pesquisas e escritas. À minha mãe, **Leila Maria Hoenisch Diehl**, que sempre esteve ao meu lado, nas diferentes travessias que eu me lancei, em especial nesta, pois a sua companhia sempre se fez presente, se fez presença, endereçou palavras de cuidado, de afeto, de incentivo, de reflexão, me fazendo pensar sobre a minha essência, as minhas inscrições. Ao meu irmão, **Luciano Hoenisch Diehl**, meu companheiro, nas aventuras, nas fantasias da infância, uma das pessoas mais generosas que eu conheço. Ao meu marido, **Michel Wagner**, que soube com maestria me acompanhar neste processo, respeitou o meu espaço criativo, as minhas palavras, o meu silêncio, sempre com uma escuta sensível e cuidadosa, foi o primeiro a acolher os meus devaneios e angústias durante este processo de elaboração da escrita. Agradeço e endereço às minhas amigas e meus amigos, que me permito não citar os nomes, mas que ocupam um lugar especial na minha vida.

E, não poderia deixar de terminar com algumas palavras que me capturaram ao longo desta dissertação: “Nesta travessia troquei tantos afetos, me afetei e espero ter afetado de alguma maneira. Sigamos fortalecendo laços, buscando sentido nas palavras, nas narrativas, escutando as pessoas e suas histórias de vida”.

RESUMO

ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS INFANTIS

AUTORA: Amanda Hoenisch Diehl
ORIENTADORA: Fabiane Romano de Souza Bridi
COORIENTADORA: Silvia Maria de Oliveira Pavão

A presente Dissertação de Mestrado Profissional, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), propõe o tema “Era uma vez o Ateliê: Uma Travessia pelos Contos Infantis”, como um Espaço Terapêutico de Apoio às escolas, para crianças da Educação Infantil. Segue-se este percurso para problematizar: como o ateliê de contos infantis poderá contribuir para a inclusão de crianças no que tange às suas perspectivas educacionais e sociais? Buscou-se lançar um olhar sobre as fragilidades apresentadas pelas crianças, dentro do contexto escolar, das escolas atendidas pelo Núcleo de Apoio às Escolas, pelas práticas da psicanálise e dos contos infantis. Assim, o objetivo deste trabalho é propor um ateliê de contos infantis como um espaço terapêutico educacional para possíveis (re) inscrições das fragilidades, experiências de socialização e aprendizagem apresentadas pelas crianças da educação infantil, na escola. O método da investigação propôs o ateliê como espaço terapêutico educacional para pensar as fragilidades apresentadas pelas crianças da Educação Infantil na escola, buscando assim, um olhar para a perspectiva , onde os participantes são protagonistas das suas histórias, a partir de um compartilhamento possível. Por meio dos contos infantis, cada criança, nas singularidades destas histórias, poderá (re) inscrever a sua. O ateliê pode inaugurar uma possibilidade de “encontros”, um encontro com o outro e, ao mesmo tempo, um encontro com um dizer de si, com as histórias individuais que podem atravessar e fazer laço com a história do outro. O produto resultante do estudo, foi a elaboração de um Ateliê de Contos Infantis, intitulado “ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS INFANTIS”.

Palavras-chave: Infância. Ateliê. Contos Infantis. Educação e Psicanálise.

ABSTRACT

ONCE UPON A TIME, A CROSSING THROUGH CHILDREN'S TALES

AUTHOR: Amanda Hoenisch Diehl
ADVISOR: Fabiane Romano de Souza Bridi
COORDINATOR: Silvia Maria de Oliveira Pavão

This Professional Master's Dissertation, linked to the Postgraduate Program in Public Policies and Educational Management at the Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), proposes the theme "Once upon a time the Atelier: A Crossing through Children's Stories", as a Space School Support Therapist for Early Childhood Education. This route follows to problematize: how can the children's stories studio contribute to the inclusion of children regarding of their educational and social perspectives? We sought to take a look at the weaknesses presented by children, within the school context, of the schools answered by the Support Center for Schools, by the practices of psychoanalysis and children's stories. Thus, the objective of this work is to propose a children's story workshop as a therapeutic educational space for possible (re) inscriptions given weaknesses, experiences of socialization and learning presented by children in early childhood education, at school. The investigation method proposed the studio as a therapeutic space to think about the weaknesses presented by children from early childhood education at school, thus seeking a look at the inclusions, where the participants are protagonists of their stories, based on a possible sharing. Through children's stories, each child, in the singularities of these stories, can (re) register theirs. The studio can inaugurate a possibility of "encounters", an encounter with the other and, at the same time, an encounter with a saying of oneself, with the individual stories that can cross and tie with the history of the other. The result of the study was the creation of a Children's Tales Workshop, entitled "ONCE UPON A TIME, A CROSSING THROUGH CHILD'S TALES".

Keywords: Childhood. Studio. Children's Tales. Education and Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala do Núcleo de Apoio às Escolas.....	46
Figura 2 - Organograma do Núcleo de Apoio às Escolas.....	47
Figura 3 - Fluxograma do Núcleo de Apoio às Escolas.....	48
Figura 4 - Avental de Contação de História: O Patinho Feio.....	54
Figura 5- Lata Cenário da História João e Maria com os personagens: João, Maria, o pai, a bruxa e a casa de doces.....	57
Figura 6 - Luva para Contação da História: Chapeuzinho Vermelho.....	60
Figura 7 - Lata Cenário Surpresa com os personagens principais da história.....	62
Figura 8 - Painel de Contação da História “João e o Pé de Feijão”, com o cenário e personagens.....	65
Figura 9 - Cronograma.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Era uma vez... O Patinho Feio.....	55
Quadro 2 – Era uma vez... João e Maria.....	57
Quadro 3 – Era uma vez... Chapeuzinho Vermelho.....	60
Quadro 4 – Era uma vez... Cinderela.....	62
Quadro 5 – Era uma vez... João e o Pé de Feijão.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Acompanhante Terapêutico
CAT	Teste de Apercepção Temática para Crianças
CEPPSI	Clínica de Estudos e Práticas em Psicologia
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EF	Ensino Fundamental
GEEMPA	Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação
NAE	Núcleo de Apoio às Escolas
NUEPEI	Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Escolarização e Inclusão
PPPG	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional
UFMS	Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	15
1	EM UM LUGAR NÃO MUITO DISTANTE: O CENÁRIO DESTA HISTÓRIA	26
2	OBJETIVO GERAL	32
2.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
3	CAMPO SIMBÓLICO, O FAZ DE CONTA E OS SEUS EFEITOS	33
4	CONTOS INFANTIS: UM DISPOSITIVO PARA (RE)INSCREVER-SE	38
5	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	42
5.1	TERRITÓRIO DE PESQUISA	43
5.2	DETALHAMENTO DOS EIXOS	44
5.3	SALA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS	46
5.4	ORGANOGRAMA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS.....	46
5.5	FLUXOGRAMA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS	47
5.6	AMOSTRA – POPULAÇÃO ALVO	48
5.7	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	49
5.8	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	49
5.9	PRODUTO	49
5.9.1	Momentos do Ateliê	49
6	DISCUSSÃO DOS DADOS	52
6.1	A IMPORTÂNCIA DE CONHECER A REALIDADE PARA A INTERVENÇÃO DO ATELIÊ.....	52
6.2	INSTRUMENTOS DA INTERVENÇÃO: TIPOS DE ENTREVISTAS FAMILIARES PROFESSORES E AS CRIANÇAS.....	52
6.3	ESCOLHA DAS HISTÓRIAS QUE SERÃO CONTADAS NO ATELIÊ.....	52
6.4	OBTENÇÃO DE DADOS.....	53
6.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	53
6.5.1	História: Era uma vez “O Patinho Feio”.....	53
6.5.2	História: Era uma vez “João e Maria”.....	56
6.5.3	História: Era uma vez “Chapeuzinho Vermelho”.....	58
6.5.4	História: Era uma vez “Cinderela”.....	61
6.5.5	História: Era uma vez “João e o Pé de Feijão”.....	63
7	CRONOGRAMA	67
8	CONCLUSÃO	68
	REFERÊNCIAS	73
	ANEXO A - Ficha de entrevista inicial – NAE	78
	ANEXO B - Ficha de presença – Grupo de crianças NAE	78
	ANEXO C - Ficha de Presença grupo de Pais – NAE	79
	ANEXO D - Parecer Consubstancia do CEP	80

APRESENTAÇÃO

Revisitando as palavras, as lembranças da infância e suas aproximações: infância, educação e psicologia...

“O menino que carregava água na peneira”:

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento
e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto final na frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

(MANOEL DE BARROS, 2011)

Faço uso das palavras de Manoel de Barros, para poder lançar mão das minhas, deste processo artesanal de escrita, uma travessia, aonde lentamente, palavras vão deslizando, mas não menos potentes, pois através delas, vou descortinando o meu desejo de fazer “peraltagens” com as mesmas, assim como o menino, que o poeta nos apresenta. As palavras que deslizam, cada uma delas, ao mesmo tempo que me fazem aparecer neste processo, produzindo um olhar,

uma testemunha, um rastro, vão me fazendo desaparecer, produzindo um novo sentido, ressignificando.

Lembro-me da minha infância, quando brincava com as palavras e as escutava com atenção, muitas. Não compreendia o significado, as suas pronúncias eram difíceis, mas sempre me encantou escutá-las e reproduzi-las. Sentia que as mesmas, me capturavam, me resgatavam, e delas me aproximei. Ouvia com atenção as histórias que me eram contadas, fascinava-me cada uma das palavras, a sua entonação, da simplicidade à sua magnitude, que na sua junção, contavam as histórias que me encantavam. Para Freud,

Do ponto de vista psicológico, a "palavra" é a unidade funcional da linguagem: é uma representação complexa constituída por elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Devemos o conhecimento desta estrutura à patologia, a qual demonstra que as lesões orgânicas que afetam o aparelho de linguagem ocasionam uma desintegração da linguagem correspondente a tal constituição... Geralmente se consideram quatro constituintes da representação de palavra: a "imagem acústica" ou "impressão acústica", a "imagem visual da letra" e as "imagens ou impressões glossocinestésicas e quirocinestésicas", porém esta constituição parece ainda mais complicada se se considera o provável processo de associação implícito nas diversas atividades da linguagem. (FREUD, 1973, p.86)

Ao seguir na aventura dos meus pensamentos, penso a vida como uma obra a ser escrita, como uma tela em branco a ser pintada ou uma certidão de nascimento a ser preenchida, e o sujeito, como um ser em construção. Construção esta, que é escrita no encontro com o outro, nas relações, nos laços e na interação. A constituição do sujeito vai se desenhando, fazendo borda, através das palavras e no movimento das palavras, como uma dança simbólica aonde as inscrições começam a aparecer, como um vai e vem contínuo, constituindo um sujeito carregado de significantes e de efeitos da linguagem.

Assim, estas experiências da infância, por hora adormecidas, podem retornar no instante que um sopro sonoro, olfativo ou visual se façam presentes. Neste instante inaugural, a distância que separa a infância da vida adulta se estreita, fazendo com que as lembranças façam pulsar o passado, produzindo uma brecha, um resgate no tempo, podendo gerar novos sentidos.

Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não *emergiram*; elas foram *formadas* nessa época. (FREUD, 1969, p. 354)

Na busca de um resgate no tempo, para revisitar a minha infância, este período em que as palavras começaram a soar com um tom especial, como uma possibilidade de encontros,

permito-me fechar lentamente os meus olhos, e então sou atravessada pelas minhas lembranças mais expressivas e saudosas da infância. Aquela lembrança que toma o corpo, um resgate simbólico, com o personagem favorito, com as histórias que mais me impactaram, lembranças com cheiro, carregadas de afeto, de sentimentos, com trilha sonora. A partir destes fragmentos que me remetem à infância, que eu lhes convido a voltar alguns anos no tempo, por alguns instantes, a trilhar em companhia, na companhia dos meus pensamentos, os caminhos de quais lembranças são estas, e o que elas dizem sobre mim e sobre a minha autorização por esta escolha de pesquisa.

As lembranças que me remetem, se assemelham a trilhos de um trem, um longo trem, que na sua trajetória, tem embarques e desembarques, passageiros entram e saem. Bem como as histórias que me capturam, me invadem e também se despedem. Nessa perspectiva, sou capturada em sentimento, na ânsia, angústia de poder revivê-las. O trem como de costume segue o seu percurso, por vezes, com freadas bruscas, inesperadas, dá nó no peito, medo, sofrimento. Em outros, seguimos viagem, lentamente, a fim de apreciar os mínimos detalhes, as sutilezas do caminho. Revisitar o passado, é conviver com as nossas faltas, sempre na busca pela parte que falta. As lembranças ficam latentes na travessia de relembrar, reviver e, até mesmo, reinventar. Ela está ali, adormecida ou pulsante, e nos constituem como sujeitos, faz histórias.

História como esta que vou contar, que acabo de relembrar. O período era de férias, tempo de produzir memórias de infância, lembranças que fazem eco e me acompanham até hoje, e que são potencializadas a partir das minhas pesquisas, escritas e leituras. As lembranças infantis me remetem à família reunida, pai, mãe, tios, primos e avós. As crianças sentadas para escutar histórias ao redor da lareira, chocolate quente nas mãos, pão caseiro com manteiga, consigo lembrar da fumaça que levantava das canecas e dos olhares atentos na narrativa do que estava por vir.

Momento sublime de espera, de palavras, de experiências, de um encontro entre as gerações. O silêncio pairava no ar, na expectativa da aventura que estávamos prestes a embarcar. A narrativa das histórias contadas pelo meu pai, o contador de histórias, envolvia a todos, crianças e adultos, possibilitando que viajássemos pelos mais diferentes cenários. Sem sair do lugar, sem dar ao menos um passo, ocupávamos diferentes territórios, dentre estes: florestas, campos, cidades, e ao mesmo tempo em que desbravávamos lugares até então inimagináveis, tornávamo-nos também protagonistas das histórias, correndo, lutando, fazendo novos amigos que aos poucos pareciam fazer parte desta dualidade, entre o real e a fantasia.

Esta fantasia, que faz com que muitas aventuras aconteçam, é um pequeno romance de bolso que sempre carregamos conosco, e que é possível abrir em qualquer lugar, a qualquer

hora, sem que ninguém a veja. Acontece, às vezes, dessa fábula interior, tornar-se onipresente ao nosso espírito, e sem nos darmos conta, interferir entre nós e sobre a nossa realidade imediata, no nosso desejo (NASIO, 2007).

Os contos, bem como as histórias contadas pelo meu pai, produzem narrativas, lembranças e transmitem culturas que são passadas de geração em geração, através das experiências. Experiências estas, que ao longo da minha história foram deixando marcas, inscrições simbólicas na minha constituição. A arte de narrar está em vias de extinção, e são cada vez mais raras as pessoas que sabem devidamente narrar, é como se estivéssemos privados da faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994).

Vocês não podem nunca estar certos de que uma lembrança não é uma lembrança encobridora. Quer dizer, uma lembrança que bloqueia o caminho do que posso situar no inconsciente, isto é, a presença - a ferida - da linguagem. Nós não sabemos nunca; uma lembrança, tal como ela é imaginariamente revivida - o que é uma lembrança encobridora - é sempre suspeita. Uma imagem bloqueia sempre a verdade. [...] O conceito mesmo de lembrança encobridora mostra a desconfiança do analista no que diz respeito a tudo que a memória pensa que reproduz (LACAN, 1976, p. 22).

Walter Benjamin (1994) ao abordar as narrativas não está referindo-se simplesmente às histórias contadas oralmente, mas se reportando a uma possibilidade de embarcar em uma travessia de ficções que dão ao mundo determinados contornos, e nas quais se configuram lugares desde aonde é possível falar e se reconhecer na sua singularidade e na relação com os semelhantes. Ao contrário da informação ou do relatório, interessados em transmitir puramente a coisa narrada, a narrativa "mergulha a coisa na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila" (BENJAMIN, p. 205). As experiências singulares são adquiridas a partir de recortes das experiências coletivas, em que a troca de saberes e de cultura existe como um fundamento, e o conhecimento é passado através da narração, da experiência e das relações. De acordo com Benjamin (1994, p. 220-1) "a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos [...] que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito".

As histórias têm este mistério, de fantasiar, narrar, de buscar respostas, sentidos, para as alegrias e tristezas, de estabelecer novos laços e fortalecer os antigos. Pensar o efeito que as mesmas produziram na minha constituição, é falar de um lugar que me convoca até hoje e me lança a um lugar de experiência e de movimento de escrita, pesquisa e criação, na profundidade necessária para tal tema.

Essa viagem no tempo, nas minhas lembranças da infância me fez revisitar um texto de Freud (1915), “*Sobre a Transitoriedade*”, que se trata de um diálogo em um dia de verão, entre Freud e um poeta. Enquanto caminhavam, o poeta expressa a sua tristeza pela constatação de que toda aquela beleza que observava na natureza, assim como a beleza dos homens, estaria fadada à extinção. A fala do poeta, a partir da sua observação, nos remete a um desamparo, pois tudo aquilo que em algum momento ele teria amado e admirado, estava fadado à transitoriedade. Então, Freud (1915, p. 315) o contesta dizendo: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. A limitação de uma fruição eleva o valor desta fruição”.

Pensar a transitoriedade da vida, é pensar no que desaparece nas dobras do espaço e do tempo, mas que se opõe ao desejo do sujeito de eternizar, inaugurar, marcar, registrar, fazer uma inscrição deste acontecimento, como uma teia, bordando lembranças, é enfrentar a temporalidade, com as nossas temporalidades. As palavras, a narrativa, se mostra como um potente fio condutor para tecer esta teia, uma via de saída simbólica para as angústias, recolocando em movimento o desejo do sujeito.

Para contextualizar o Ateliê com as minhas escolhas profissionais me lanço em um movimento que é como tecer lentamente uma teia de lembranças, uma cadeia de significantes, que acionam os mais diferentes sentimentos e que me tornam esta profissional, pois são nas brincadeiras infantis, no faz de conta, que a realidade começa a fazer rastro e as histórias de vida de cada sujeito começam a fazer registros, emergindo assim, suas alegrias, tristezas e angústias.

O ato de brincar possibilita expressar criatividade, revisitar histórias alegres e traumáticas, e os contos se alicerçam na ideia que as histórias e as narrativas possam dar contorno às situações já vividas e aos ensaios que ainda estão por vir. Os contos funcionam como um dispositivo de fala, de atuação e encenação e são através das brincadeiras e da arte que as crianças expressam o seu mundo interno, as fantasias inconscientes (KLEIN, 1926).

O tratamento psicanalítico é pautado em três princípios: recordar, repetir e elaborar, e é por meio deles que o paciente acessa o inconsciente. Com os contos infantis ocorre este mesmo processo, em que a criança recorda, repete e tem a possibilidade de (re) inscrever, para então, melhor elaborar. A criança vai se produzindo com as histórias, de uma maneira singular, própria e, assim, se utiliza delas para fazer ligações com um dizer de si, constituindo-se numa rede de significantes, que produz sentido e existência. A literatura e os processos artísticos criativos atuam como dispositivos que acionam o imaginário e o simbólico, que como na psicanálise, também se encontram no inconsciente e, por meio das narrativas, os contos podem ser

analisados por sua importância, permanência e repetição na fala do sujeito que a traz (FREUD,1914-1980).

E é neste movimento, nestes “*flashes*” de buscar as aproximações com as minhas escolhas nesta travessia, que é a vida, que encontro uma parada obrigatória nas lembranças infantis que vivi na escola. O meu primeiro contato com este espaço, até então desconhecido, a escola, e que fui rapidamente convocada por um misto de sentimentos, alegria e angústia. Ao entrar na escola, que naquela época, parecia muito maior do que realmente é, os corredores eram enormes, escuros, frios, pois o contexto escolar representava naquele momento a separação do afeto e do calor do colo materno, e eu me sentia desamparada, mas com muita sede de aprendizagem e de conhecimento.

O meu primeiro contato com a escola foi um turbilhão de sentimentos contraditórios, ao mesmo tempo que aquele novo universo me parecia mágico, também iria me afastar do aconchego da minha família. Aos poucos, aqueles sentimentos de estranhamento inicial, foram se transformando, encontrei uma professora que com afeto fez com que eu desejasse estar ali, na sua companhia e na companhia dos meus colegas. Sobre o olhar atento e afetuoso da minha professora, a mesma possibilitou que a partir da sua mediação, eu me sentisse segura para transitar naquele novo universo, que começava a se tornar encantador.

A docência encontra-se em um campo em que diariamente o sujeito se depara com o inesperado, com o novo. A partir do estudante, uma multiplicidade de desafios surge ao professor, e a toda comunidade escolar. Mais do que um público alvo, o estudante é um ser em desenvolvimento, que necessita de uma sensibilidade especial diante de suas dificuldades, e não deve ser tratado como apenas um objeto de trabalho. Diante disso, surge este questionamento “Quem é o estudante? O que este sujeito demanda do outro que está na posição de professor? Em que deve se pautar o trabalho do professor e como a educação e a psicologia podem juntas contribuir diante desses desafios?”. Segundo Freire (1996),

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto do outro. [...]. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que homens e mulheres descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 1996, pp. 23-24).

Penso que estes primeiros anos escolares foram decisivos para que este desejo, esta convocação, pela educação, me acompanhasse latente, durante todo o meu percurso profissional. No magistério encontrei desafios, que me lançavam na direção de estar cada vez mais conectada com leituras que tornassem a minha formação significativa. Cada leitura, cada encontro, cada ano em sala de aula, as experiências, as singularidades me encantavam cada vez

mais ao mesmo tempo que me desafiavam, pois percebi, ao longo desta formação, que estar na escola é conviver com as angústias. A angústia dos professores, dos estudantes, das famílias, dos colaboradores e da comunidade transborda nas relações, dentro do contexto escolar. A angústia que se instaura após os portões e portas de cada sala de aula, nas classes, no quadro de giz, nas relações, no processo de aprendizagem, mas que faz com que este espaço se torne único, singular e encantador, sentimento que reforço até hoje, a cada ano fazendo reascender o meu desejo pela educação, como um ato político e de resistência, de acesso a todos.

Foi então, que ao me lançar nesta respeitosa caminhada pelo campo educacional, escolhi este trajeto, que considero ser de extrema relevância para todas as outras escolhas futuras na qual busquei. A docência, a minha relação com a educação, me afeta, desde a minha infância e estas experiências me tocaram e me tocam com um tom peculiar, especial, carregado de significados do que é SER PROFESSORA.

Ser professora na minha constituição, como prática pedagógica, aponta para um lugar de protagonismo dos estudantes, fala de uma relação potente de afeto entre o professor e o estudante, entre a escola e a família, aproximações necessárias, sendo que cada uma com funções distintas. Ser professora é acreditar que é possível perceber o que faz brilhar o olhar de cada um, o lugar de onde este desejo pelo aprender aponta. Ser professora é conviver com as faltas, mas acreditando que a educação é o caminho para a libertação, é se permitir novas experiências nos mais diferentes segmentos. É se colocar na cena, ocupar os espaços da escola, e os que vão para além dos muros da escola, fazendo da ludicidade, das histórias infantis, da arte, da teatralidade, e da música companheiras potentes neste processo.

Nesta teia de lembranças, não poderia deixar de relembrar a minha primeira experiência como professora, pois esta deixou marcas simbólicas para a minha vida. A minha primeira regência de classe foi em uma escola situada em uma região de vulnerabilidade na cidade de Santa Maria – RS. Tínhamos como uma prática visitar os nossos estudantes antes do ano letivo iniciar. Saíamos, toda a equipe de professores, para conhecer os estudantes que estariam na nossa companhia ao longo daquele ano.

Percorríamos a comunidade durante alguns dias, até mesmo semanas, e a cada visita, éramos recebidos por uma nova família. Em cada casa, se encontrava uma nova história, diferentes constituições familiares, a grande maioria, com precariedades na estrutura física. Encontrávamos também, uma dura realidade econômica, falta de saneamento básico, mas percebia-se que em muitas destas casas, destas histórias, transbordava o carinho nas relações, em outras, as fragilidades encontradas eram econômicas e relacionais.

Nesta escola, durante 6 anos, tive a oportunidade de experienciar vivências na prática docente da educação infantil e no ensino fundamental I. Durante este período, trabalhei com a Pedagogia de Projetos e participei do Grupo de Estudos sobre Educação Metodologia de Pesquisa e Ação, o GEEMPA, com assessorias de estudos, sob responsabilidade da professora Esther Pillar Grossi, pelo mesmo período que atuei na escola, 6 anos. Estas possibilidades teceram importantes laços para o que eu compreendo atualmente sobre “SER PROFESSORA”, laços cada vez mais fortalecidos com o meu desejo.

No grupo de estudos buscávamos, semanalmente como hábito, relatar por escrito as experiências da semana, as práticas pedagógicas, as aprendizagens dos nossos estudantes, as nossas aprendizagens, e as dramáticas da sala de aula. Da mesma forma, relatávamos pontos que considerávamos positivos e negativos, chamados relatos de experiências, sempre acreditando que TODOS podem aprender.

A aprendizagem de todos, nos impulsionava em um movimento de estudo, formação contínua e engajada, de muita responsabilidade com todo o processo. Vivenciávamos no grupo o que acreditávamos e vivíamos com os nossos estudantes em sala de aula. A presença de todos era de extrema importância para que a aprendizagem acontecesse, pois quando uma faltava aos encontros do grupo ou às aulas, em um sentido figurado, o “corpo sangrava”, o corpo pensado como o grupo. Com isso, uma ausência precisava ser participada, informada, justificada. Desta maneira, professores e estudantes eram convocados de um lugar de responsabilidade individual e coletiva.

A afirmação de que só ensina quem aprende nos acompanhava, portanto estávamos em constante aprendizagem, formação e nos colocávamos em questão em todos estes processos. Além dos estudos semanais em grupo, uma vez a cada dois meses, tínhamos uma assessoria com a nossa professora Esther. Ademais ao grupo e às assessorias, cada professor buscava leituras e estudos complementares para auxiliar no processo de aprendizagem específico da sua turma, sempre pensando na inclusão de todos.

Buscava-se um olhar atento, uma escuta sensível a cada um dos estudantes, a cada história, às dramáticas individuais, familiares e da turma, respeito às escolhas de cada sujeito, ao acreditar que a aprendizagem acontece na interação social. As histórias de cada um e da turma eram valorizadas, e faziam com que a aprendizagem se tornasse ainda mais significativa. A cada história, surgia uma oportunidade para fazer dela uma grande companheira na escrita de textos, na leitura, nas diferentes reflexões que as histórias proporcionavam. A cada novo desafio, uma oportunidade para estudar, questionar as práticas, na busca pela aprendizagem de todos, nenhum a menos.

A leitura de livros de histórias fazia parte da nossa rotina diária, diferentes histórias que se atravessavam com as histórias de vida de alguns ou de alguém. Em cada nova história, percebia-se um despertar, uma convocação para que as suas histórias, as dos estudantes fossem descortinadas e aparecessem no contexto da sala de aula, e estas histórias ao aparecerem lentamente eram ressignificadas.

A minha experiência como professora nesta escola me possibilitou um intercâmbio na *Université de Franche-Comté*, na França, na cidade de Besançon, experiência partilhada com mais três colegas, uma rica e singular oportunidade para trocas, conhecer diferentes realidades, culturas e novos contextos e levar um pouco das experiências vividas, das histórias escritas pelos nossos estudantes. Ficamos alguns meses conhecendo e visitando escolas em algumas regiões da Europa, e apresentando o trabalho que desenvolvíamos com as crianças nesta comunidade, que me possibilitou umas das experiências mais ricas da minha carreira no magistério.

Após a prática relatada anteriormente, estive por um período de 4 anos como professora alfabetizadora em outra escola na mesma cidade. Estas se configuram como minhas experiências, ao longo destes 13 anos, na docência. Atualmente, como Coordenadora Pedagógica nesta mesma escola em que fui alfabetizadora. Oportunidades que me possibilitaram ter atuado em todos os níveis da Educação Infantil (Maternal I, Maternal II, Pré A e Pré B) e no Fundamental I (1º, 2º, 3º e 4º ano), e ainda em um projeto de extensão, e na graduação.

A escola, os diferentes níveis, a sala de aula na minha caminhada se constitui, representa um espaço possível para acender e reacender os desejos, dos estudantes e professores, um espaço de produção e aprendizagens. Assim, insere-se estes sujeitos no mundo das palavras-letras e possibilita-os a garantia a aprendizagem.

Portanto, as aproximações que existem no meu percurso formativo e profissional entre a Educação e a Psicologia são muito caras para pensar esta pesquisa, por acreditar que estes contextos se complementam e podem caminhar juntos. As duas bases juntas podem contribuir para pensar este sujeito, este estudante, e proponho nesta escrita a aproximação entre estes campos que tanto acredito e me disponho a estudar.

Durante a minha graduação em Psicologia continuei na docência. O meu primeiro contato com um “Ateliê de Histórias”, no curso de Psicologia, foi no estágio de processos educativos, e foi a partir desta experiência que me autorizei a escrever o trabalho de conclusão de curso intitulado de “Ateliê de Arte: um espaço de criação artística na escola”.

As crianças encaminhadas para a minha primeira experiência em um “Ateliê de Histórias”, durante o estágio da graduação, foram triadas pela coordenação pedagógica e orientação educacional, e os critérios utilizados pela equipe pedagógica foram: dificuldades de relacionamento e aprendizagem, e as idades entre 5 anos a 11 anos. Os primeiros encontros deste grupo causaram estranhamento, pois as perguntas que faziam coro no grupo eram “Por que estamos aqui?”, “O que fizemos de errado?”, “Seremos punidos?”. Estas questões que eram sinalizadas, apontavam para uma denúncia de um contexto que desde então me mobilizou, o contexto escolar. As histórias funcionavam como um dispositivo para a fala, assim como acontecia em sala de aula, para a palavra circular, para que, a partir delas, as crianças contassem as suas histórias, na tentativa de ressignificar os rótulos iniciais.

O Ateliê de arte, fruto do meu trabalho de conclusão de curso, foi inaugurado em uma escola estadual situada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde estive à frente do projeto, coordenando, durante cinco anos. Buscou-se através de um ateliê de criação artística nas escolas, promover um espaço de escuta, de conflitos, efeitos e consequências dessas possibilidades, tendo a arte como fio condutor deste processo. Espaço, em que o estudante, a criança, na companhia do outro, e através da experiência com o outro, pudesse encontrar suporte para fazer elo com esta possibilidade de (re) inscrição de suas lacunas existentes nas relações escolares e dos laços sociais.

Trata-se então, de propor uma aproximação entre as palavras e as histórias de vida, entre as narrativas, entre os pensamentos e as experiências individuais e coletivas, e a aposta para estas articulações são os contos infantis como um dispositivo para refletir sobre estas fragilidades de socialização e aprendizagem, e que lança mão da questão. Que histórias estão sendo contadas no contexto familiar e escolar? “Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (BENJAMIN, 1994).

Estas práticas se materializaram em algumas publicações e livros, em que sou uma das organizadoras, autora, juntamente com o psicólogo Luis Henrique Ramalho Pereira. Os livros são: “Ateliês: Espaço de Criação”; “Ateliês: A Psicologia vai à escola e outras histórias”, “Infância e Sociedade” e “Cirandar: Experiências da Psicologia na Escola”. Nos livros tenho a participação nos seguintes capítulos: “Ateliê de Ciranda: Uma experiência do Brincar em Companhia”; “Ética, moral e Narrativas Infantis: Os Labirintos de um Atelier de Contar Histórias”; “Ateliê de Diários: Uma Experiência da Escrita em Companhia na Formação Docente”; “A Ordem do Discurso e o Sintoma Social: Um Aprendizado Possível entre Escola e Família”; “Núcleo de Apoio às Escolas”; “Era uma vez...A Psicanálise e as Histórias infantis”, “Mãe, Não Sou Mais Criança: A Adultilização Precoce da Infância Através da Mídia e suas

Consequências”; “Núcleo de Apoio à Escola (NAE): Implantação, Avaliação e Resultados iniciais”; “O Encontro Professor e Aluno no Âmbito Escolar: Uma Perspectiva para a Psicologia na Formação Docente”; “Núcleo de Apoio às Escolas: A escola, a Psicanálise e as Possibilidades na Formação e Gestão do Serviço na Escola”; “Direitos Humanos e suas Intervenções nas Escolas: Núcleo de Apoio às Escolas”; “Triagem Psicológica no NAE: Um laço entre a Psicologia e a Escola”; *Distraídos Falaremos: Acompanhamento Terapêutico no NAE*; “Enfrentando a Vida, Construindo Significados: A Experiência da Formação de Grupo de Adolescentes”; *O Adolescente na Cena: Caminhos em Companhia* e “A Importância das Intervenções realizadas no Grupo de Pais: Projeto NAE”.

Ao entender estas práticas de leitura e escrita com base nesta temática do Ateliê de Contos Infantis como um dispositivo clínico, ético e político, é possível compreender que efetiva a busca pela voz da criança, do sujeito. Sujeito este, que tem direitos de exercer o seu protagonismo, e ocupar este espaço dispara a potência criativa. Na dimensão subjetiva da voz e da inclusão, assim, entende-se que esses participantes saiam da possibilidade de exclusão ou silenciada. O ateliê atua como um lugar de fala, de encontro, de existência, inclusivo, e que instaura marcas, (re) inscrições, possibilitando que as fragilidades sinalizadas no ambiente escolar de cada sujeito que participa do grupo, apareçam e sejam lentamente apresentadas.

A ética da psicanálise é uma ética da investigação, segundo a qual a dúvida sempre pode abrir uma brecha na fortaleza das certezas imaginárias, com as quais o narcisismo do eu se defende. Não se trata da dúvida neurótica, a dúvida hamletiana que inibe o impulso do saber inconsciente com a interferência constante da consciência moral. Trata-se de uma disponibilidade para questionar não o saber que os impulsos revelam, mas as certezas que o pensamento constrói (KEHL, 2002, p.145).

Este espaço sustentado por um viés psicanalítico, por uma escuta clínica, buscará nos contos infantis potentes disparadores para a promoção de um dizer de si, de cada criança, que participará destes encontros, e os mesmos serão pautados pela ética, pelo inédito, aonde as histórias, serão os dispositivos¹ para que as narrativas apareçam.

¹ Dispositivo como um estalar, um deslanchar, um despertar, um impulsionar a.

1 EM UM LUGAR NÃO MUITO DISTANTE: O CENÁRIO DESTA HISTÓRIA

“ERA UMA VEZ os três porquinhos que viviam na floresta com a sua mãe. Um dia, como já estavam muito crescidos, decidiram ir viver cada um em sua casa. A mãe concordou, mas avisou-os:

- Tenham muito cuidado, pois na floresta também vive o lobo mau, e eu não vou estar lá para vos proteger...

- Sim mamãe! – Responderam os três ao mesmo tempo.

Os porquinhos procuraram um bom lugar para construir as suas casas e, assim que o encontraram, cada um começou a fazer a sua própria casa. [...]

(PERRAULT, 1989)

Três porquinhos, três sujeitos, cada um com a sua singularidade, com as suas inquietações, embora suas histórias se conectem, cada um faz as suas escolhas e escreve a sua história de vida. E, foi a partir das suas escolhas e renúncias, que foram buscando elementos para construir a casa, a qual acreditavam ser a mais segura, pois o risco de ser devorado pelo lobo os atormentava. Ao fazer uma aproximação entre a história “Os Três Porquinhos” com o território da proposta de intervenção do produto, o cenário, onde o Ateliê está situado, é a região oeste da cidade de Santa Maria-RS, em que muitas famílias se encontram em situação de vulnerabilidade social. Como muitas famílias que residem nesta região, os porquinhos precisaram sair de casa, pois a sua mãe não conseguia mais sustentá-los. Nesse contexto, a história traz para a cena o desamparo, a falta de proteção, e algumas questões como: “Quem é lobo?”, ou melhor, “Quem são os lobos?”.

Os “lobos” podem ser as vulnerabilidades que se apresentam no desamparo, na perda da infância, nas violências, nos silêncios, nos abusos sexuais. Eles podem ter diferentes faces, mas quando se fazem presente, deixam cicatrizes físicas e simbólicas, carregadas de significantes. O Ateliê de Contos Infantis, produto desta dissertação, não é um espaço de recreação, socioassistencial, contudo, propõe conhecer as necessidades da população atendida.

O mesmo busca lançar um olhar para as vulnerabilidades sociais, que podem se apresentar na escola, como fragilidades nos relacionamentos e na aprendizagem de cada sujeito, é uma proposta de experiências, um tempo para experimentar a relação com o Outro e com as suas próprias angústias que, por vezes, se fazem presentes e/ou silenciadas. Estas crianças encaminhadas para o Núcleo de Apoio às escolas, estão inseridas na cultura, nos laços sociais, no discurso, neste enlace que é possível, por meio da linguagem da palavra.

As diferentes situações de vulnerabilidade em que os sujeitos estão expostos, que apontam como traumáticas, podem canalizar-se em algumas possíveis direções: das fragilidades

e do sofrimento do próprio corpo, das relações com o mundo externo e com as forças da natureza, e das infinitas possibilidades de insatisfações ou das violências desencadeadas pelas relações. Os sofrimentos gerados por meio de relacionamentos tóxicos, invasivos, na relação com o outro, talvez seja o mais doloroso. E, quando o sujeito de alguma maneira é atingido por algum tipo de violência, seja ela física seja psicológica, há uma articulação com o desamparo, que promove um enfrentamento com a cultura, os laços sociais e a civilização. Busca-se borda para fazer frente a esta condição que se apresenta, e que está diretamente, ou indiretamente implicada nas escolhas e nas atitudes individuais (FREUD, 1921).

Os complexos fenômenos produzidos em nossa sociedade, como o fenômeno da violência, aqui voltada para pensar a experiência, na infância, assim como os aspectos objetivos e subjetivos, emergem do sujeito no laço social. Faz-se necessário reconhecer os fenômenos subjetivos da violência e as suas incidências no campo da educação, da saúde e na sociedade no geral, pois tais fenômenos são produtores de narrativas que invadem e fomentam um discurso em diferentes esferas.

Para Freud (1921), o imperativo da igualdade nos coloca sobre a insígnia da violência, ou mais precisamente da inveja, pois ao identificar as diferenças que o rodeiam, o sujeito logo passa a se posicionar frente à lógica da lesão e da insatisfação. Quais as violências que estamos nos referindo? A violência pensada pelo viés da escassez de possibilidade acerca da introdução da palavra, da produção de sentido. Isto é, a palavra perde seu estatuto de eficácia na mediação social. A violência inicial é uma recusa de reconhecimento da palavra do outro e, portanto, do outro a sua frente.

A presente Dissertação de Mestrado Profissional, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), buscou lançar um olhar sobre as fragilidades apresentadas pelas crianças, sejam elas de socialização sejam de aprendizagem, inseridas na etapa da educação infantil, nas escolas contempladas pelo Núcleo de Apoio às Escolas, na via da psicanálise e dos contos infantis. Procura-se investigar os contos como um dispositivo de (re) inscrição de tais demandas e seus efeitos, como produção na singularidade de cada sujeito que participa do ateliê. Tem como pretensão o desenvolvimento do produto Ateliê de contos infantis: espaço terapêutico educacional denominado a partir dessas discussões.

O Ateliê de Contos Infantis: Espaço Terapêutico Educacional no Núcleo de Apoio às Escolas foi se estruturando a partir de observações, intervenções e inquietações, nas quais fui sendo provocada a pensar no que diz respeito ao cenário escolar. Enquanto professora da Educação Infantil e Séries Iniciais, bem como psicóloga escolar e infantil percebi a necessidade

de investigar a contribuição de um ateliê de contos infantis nas (re) inscrições das fragilidades demonstradas pelas crianças frente às dificuldades de aprendizagem e ou socialização encontradas neste contexto.

O conceito fragilidades é apresentado como uma questão, um objetivo a ser pesquisado nesta dissertação, e entende-se como fragilidades, o processo de constituição psíquica do sujeito, na sua inserção na linguagem. Ainda, as alternâncias necessárias entre a ausência e a presença, que possibilitem ao sujeito sustentar uma posição de desejo, pelas suas relações, pelas inscrições simbólicas que vão o constituindo ao longo da sua história. Isso ocorre desde a gestação, e se estende durante todo o desenvolvimento infantil, e acaba refletindo no laço social, cultural, bem como escolar. Talvez o escolar, como sendo a sua primeira travessia para além dos muros da família.

“Para que um sujeito se constitua, não é necessário esperar que uma criança caminhe, ou que maneje habilidosamente sua preensão, que chute uma bola ou que possa manter sua cabeça bem alinhada em relação a sua visão. Não é necessário, pois há crianças paralíticas cerebrais que nunca manejarão bem a pinça manual, nem caminharão; ou mielomelíngocélicos que nunca chutarão uma bola, ou cegos que nunca alinharão a cabeça com sua visão inexistente, e nem por isso serão menos sujeitos de desejo que outras crianças que gozam de todas as habilidades corporais. (...) é certo que não é do corpo, mas da simbolização que nele se opere (a partir mesmo de suas primeiras falhas) que depende esta estruturação psíquica.” (JERUSALINKY, 2010, p. 37).

Seguirei este percurso para pensar a Educação, não a restrita à escolarização, mas a que ganha o sentido de um traço simbólico de filiação ao contribuir com a constituição de um sujeito (o humano), a diferenciação do outro (o singular), e a possibilidade de um encontro com o outro (o social), ao pensar a educação como um processo que promove o laço social, capaz de sustentar um espaço comum, um lugar para viver.

Para buscar sustentação teórica e prática para o problema de pesquisa que proponho: Como o ateliê de contos infantis poderá contribuir para a inclusão de crianças no que tange as suas perspectivas educacionais e sociais? Define-se o Ateliê, como o espaço físico, onde o ato de contação de histórias vai se efetivar, como uma proposta de intervenção e aproximação entres os campos da educação e da psicologia. Acredita-se que por meio da utilização dos contos, como um dispositivo, no grupo de crianças, e em companhia, surgirá questões de um dizer de si, da sua história, da sua narrativa. Permite-se assim, uma (re) inscrição para as possíveis inadequações manifestadas nas demandas encaminhadas pelas referidas escolas, e que as fragilidades de socialização e aprendizagem se apresentam como um caráter de inclusão no ateliê.

O Ateliê “ERA UMA VEZ” é uma proposta de intervenção pensada a partir das conjecturas de Gutfreind (2010), nas quais o autor propõe a utilização dos contos em espaços terapêuticos e pedagógicos para avaliar os efeitos terapêuticos deste dispositivo. Com isso, formula-se um modelo de intervenção, ao seguir uma proposta de contação da história, dramatização e registros.

O projeto no grupo de crianças, segue a ideia de um espaço terapêutico educacional, ao possibilitar à criança, acesso a um dispositivo, os contos infantis. Dessa forma, faz-se um movimento de enfrentamento com as demandas de fragilidades observadas no contexto escolar, motivo pelo qual os encaminhamentos serão realizados. É uma proposta em que, por meio das narrativas, as crianças possam entrar em contato com suas angústias por intermédio dos conteúdos abordados nas histórias. E, que esses sejam deslocados, possibilitando um caminho de sublimação e construção de uma narrativa própria. O conto, no ateliê, atua como um dispositivo, um mediador capaz de permitir à criança elaborar seus conflitos psíquicos, estimulando-a a enfrentar seus afetos mais assustadores e, ao mesmo tempo, ajudando-a a manter uma distância desses afetos (GUTFREIND, 2010).

Os contos de fadas ocupam um espaço fundamental na vida psíquica de uma criança, e é relevante considerar que essas obras-primas que existem desde a antiguidade desempenham um papel importante no desenvolvimento infantil. Nesse contexto, exercem uma função terapêutica, fato que explicaria sua transmissão entre as gerações, mesmo diante de todos os avanços tecnológicos, de fácil acesso, que as crianças têm na sociedade contemporânea (GUTFREIND, 2010).

A contação de histórias não é apenas um fio condutor para acionar a imaginação das crianças, mas um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não pode ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento. Os contos têm um valor simbólico e eles se fazem simbólicos quando se distanciam do automático, da repetição, da perda de sentido e se aproximam das fragilidades, das singularidades, das histórias de vida de cada criança (CORSO; CORSO, 2006).

A pesquisa se articula a partir da interlocução entre a psicologia, a educação, a psicanálise e os contos infantis, com ênfase em autores como Bruno Bettelheim, Celso Gutfreind, Diana Corso, Mário Corso e Walter Benjamin, e está estruturada nos seguintes capítulos: “Apresentação: Revisitando as palavras, as lembranças da infância e suas aproximações: infância, educação e psicologia”, “Um lugar não muito distante: O Cenário desta história”, “Campo Simbólico, o Faz de Conta e os seus Efeitos”, “Ateliê de Contos Infantis: um dispositivo para (re) inscrever-se”. Na sequência, apresentam-se os Encaminhamentos

Metodológicos, as discussões, a apresentação do produto, e a conclusão. O trabalho se justifica na medida em que propõe os contos infantis como um dispositivo para pensar e (re) inscrever as fragilidades de socialização e aprendizagem apresentadas pelas crianças da Educação Infantil na escola. Busca-se assim, um espaço de inclusões, em que os participantes, as crianças, serão protagonistas das suas histórias, a partir de um compartilhamento possível, por meio da narrativa dos contos infantis, de forma que cada criança, nas singularidades destas histórias, poderá (re) inscrever a sua.

Propor, (re) inscrever as fragilidades de socialização e aprendizagem das crianças, no Ateliê, a partir dos contos infantis, não é o mesmo que trazer algo para o campo representacional pela primeira vez, mas refere-se a produzir uma nova operação para algo que já estava lá, inscrito neste sujeito, recolocar na discussão da cena.

Para Freud (1925), os blocos mágicos são responsáveis por descrever o mecanismo da memória, o que pode ser observado na proposta do autor em sua obra. Nesse contexto, Freud (1925) ainda define a formação do bloco mágico como uma prancha de cera escura, e por cima desta, é evidenciada a sobreposição de um papel encerado e de uma lâmina de celuloide. O funcionamento do mecanismo ocorre com o estímulo a começar pela pressão de um instrumento pontiagudo sobre a superfície em foco. Assim, as incisões que resultam deste processo tornam-se visíveis pelo contato do celuloide e do papel encerrado. Todavia, ao passo em que é possível levantar a folha de cobertura da prancha de cera, a escrita vai desaparecendo, e permite que novas inscrições sejam feitas no Bloco Mágico. Com efeito, há uma permanência nos traços escritos, independentemente de sua base em celuloide ter sido, por inúmeras vezes, apagada. A fixação dos traços na prancha de cera pode ser observada em determinada luz, o que possibilita compreender que apesar de serem frequentemente apagados, estes traços continuam visíveis se olhados por outra lente, em outra superfície. Desse modo, destaca-se que

De forma mais geral, na comparação com o bloco mágico (...) vemos evidenciada a solução às características aparentemente inconciliáveis e, no entanto, presentes ao mesmo tempo no aparelho psíquico: permanência dos traços e receptividade contínua. Por uma parte, desaparece do bloco mágico apenas separando o celuloide e o papel da cera, restituindo a capacidade de receber novas inscrições; por outra, na cera conservam-se duradoura os rastros do escrito anteriormente. Como no psiquismo, as operações de recepção e conservação distribuem-se em dois diferentes, mas vinculados entre si (CASANAVE 2008 pp.78/79).

Assim, pode-se pensar o aparelho psíquico como sempre aberto às ressignificações, estando as marcas anteriores sujeitas a (re) inscrições, à feitura de novos caminhos, já que o traumático não é aquilo que está preso no passado, e sim o que não encontrou, no momento de

sua inscrição, uma possibilidade de significação. Destarte, deve-se acolher a história do sujeito, da criança e daquele que se sujeitou a ela, e ajudá-lo a (re) inscrever, engajando-se afetivamente. Não se trata de priorizar a história dos fatos, propriamente, tampouco de desprezá-los. Trata-se de uma nova inscrição, uma (re) inscrição daquilo que até agora insistia como idêntico (OLIVEIRA, 2011).

É acolher a fala, o sonho, o esquecimento, o sintoma, o que tem em comum, como se articular, e possibilitar vias de derivação, novas ligações, diferentes tessituras, nas tramas da transferência em que nos encontramos também urdidados, propiciando-nos ainda, por vezes, ressignificações nossas. Sucessivas ressignificações, até aquelas obtidas por meio do trabalho de análise, pois o aparelho psíquico é posto em movimento, e pode, talvez, libertar-se do movimento de repetição do idêntico (OLIVEIRA, 2011).

O ateliê inaugura uma possibilidade de “encontros”, um encontro com o outro e, ao mesmo tempo, um encontro com um dizer de si, com as histórias individuais que podem atravessar e fazer laço com a história do outro. Um ateliê de contos infantis pode propiciar uma visualização da criação lá aonde ela resulta em um olhar sobre o “ser sujeito”, sempre inacabado, em processo, um enfrentamento com o desassossego que nos é inevitável. Um ateliê pensado como um espaço aberto à produção de um estilo, o campo das histórias, aonde o passado e o futuro são esculpidos no ato das narrativas infantis.

Pretendeu-se com esta investigação refletir sobre o efeito dos contos nas fragilidades destas crianças encaminhadas ao NAE, onde cada integrante do grupo poderá confeccionar um olhar sobre o seu fazer, sua história de vida, seus dilemas, angústias que apontem para uma caminhada do sujeito. Então, o presente trabalho propõe uma análise destas fragilidades de socialização e ou aprendizagem dessas crianças mergulhadas no universo das histórias.

O Ateliê foi pensado como operador, que tendo os contos como mediador acione o sujeito, possibilitando assim, fazer surgir uma série de rastros que apontem para um sujeito vivente com as narrativas dos contos, um enfrentamento com as suas angústias no desafio de ressignificações da sua própria história. No momento em que a criança começa a narrar a sua história a partir de um conto, não estaria a mesma buscando elaborar sofrimentos psíquicos arcaicos, para assim poder historiar o seu passado, ou transformar o seu “drama”, as suas fragilidades? (GUTFREIND, 2010).

2 OBJETIVO GERAL

Propor o Ateliê de contos infantis como um espaço terapêutico educacional para possíveis (re) inscrições das fragilidades, nas experiências de socialização e aprendizagem apresentadas pelas crianças da educação infantil, na escola.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Investigar os contos infantis como um dispositivo de (re) inscrição do sujeito, a fim de recolocar as possíveis fragilidades apresentadas, na discussão da cena, nas experiências de socialização e aprendizagem.
- b) Investigar nos contos infantis o potencial de imagens, fantasias, interpretações e significados, bem como de possíveis narrativas, e de que maneira os mesmos podem colaborar com as reflexões acerca das experiências de socialização e aprendizagem apresentadas pelas crianças na educação infantil.
- c) Propor o Ateliê de Contos Infantis: Espaço Terapêutico Educacional, como o produto desta dissertação, lembrando que cada contexto, tem as suas singularidades, pluralidades, o inédito de cada encontro e a ética pensada no viés psicanalítico.

3 CAMPO SIMBÓLICO, O FAZ DE CONTA E OS SEUS EFEITOS

“Agora eu era o herói.
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o rock para as matinês

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz
E você era a princesa que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade acho que a gente nem tinha nascido

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim?”

(COMPOSIÇÃO DA LETRA: CHICO BUARQUE DE HOLANDA E SIVUCA,
1979)

Lançar mão nas questões da infância, sobre o “dizer” na infância é se permitir embarcar em uma viagem no faz de conta, em que o passado, o presente e o futuro podem se enlaçar ou talvez se desenlaçar, se romper, deslizar, através de um singelo “ERA UMA VEZ...”. A letra da música “João e Maria” citada acima e composta por Chico Buarque de Holanda e Sivuca traz fragmentos deste dizer da infância. Uma infância carregada de simbolismo, aonde existem heróis, bandidos, batalhas, bодоques e o que mais a imaginação puder produzir.

A música ainda possibilita ampliar o pensamento sobre este mundo de fantasias, da imaginação, no qual a criança habita e se permite SER, apontando assim, para questões importantes no que diz respeito a fatos e ao tempo. A criança da canção transforma a sua vida em um mundo mágico que a permite fantasiar, mas que tão logo irá lhe questionar sobre a vida

e sobre a felicidade. Na realidade ela, a criança, se depara com uma imposição pela busca da felicidade. Felicidade esta, que também é mencionada na letra “João e Maria”, e assim, desde cedo começa a sentir suas “fragilidades”, se deparar com suas “angústias”.

O brincar para a criança é extremamente excitante, pois é no brincar, e talvez somente no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. Nas brincadeiras, a criança se permite ser herói, a noiva do cowboy, enfrentar batalhões, ser princesa, ser peão, ter um cavalo que fale inglês, mas ao mesmo tempo ela se questiona “O que a vida vai fazer de mim?”, questão esta, que acompanha as crianças e os adultos ao longo da vida.

No trecho “Agora eu era herói”, o “agora” e o eu “era” citado no início, rondam as brincadeiras das crianças, nas quais as mesmas enfrentam batalhas com grandes vilões e na maioria das vezes saem vencedoras. Quando vencem, logo inventam outro vilão para destruir. Este é um movimento que faz inscrições simbólicas importantes no sujeito, no corpo e possibilita reescrever a sua história.

Mesmo antes do nascimento de uma criança já há um sujeito em jogo, ou começa a ficar em jogo a constituição do sujeito. Portanto, o corpo humano, constitui-se por efeito da linguagem, e são estes efeitos dados pelo Outro que marcam o corpo de um sujeito desejante. O corpo que aqui refiro, não é o organismo, do qual a medicina muito bem se ocupa, mas o corpo que é letra, é gramática, e é lido pelo outro enquanto tal. Lê-se o sentido, e por isso, o corpo é da ordem do imaginário, e como a imagem não diz, necessita de um Outro que inscreva um dizer no corpo, que o torne imagem do corpo. A partir disso, a psicomotricidade estará em condições de realizar uma leitura simbólica do dizer corporal de um sujeito (LEVIN, 2007).

Falar do corpo significa, então, falar da existência de dois âmbitos simultâneos, de duas realidades que se superpõem, sendo que a primeira (a anatômica) é limite de possibilidade e de significação da segunda (a erógena), e esta, por sua vez, é a que outorga a dimensão de sentido da primeira. Por isso é que o corpo é palavra, mas também letra, tatuagem, desejo, mas também pulsão e fonte (LEVIN, 2007, p.51).

Segundo Levin (2007), o corpo é “fonológico” e não falante por si mesmo, o que fala é o sujeito através do corpo, dos movimentos, dos gestos e do esquema corporal. Sendo que, esta apropriação do corpo, por parte do sujeito, demanda um árduo trabalho de conquistas e descobertas. Ocupamo-nos da história do sujeito com seu corpo, do percurso e do lugar que este corpo ocupa, ou que lugar o corporal ocupa, no mito familiar.

Ser criança não significa ter infância, pois o conceito de infância começou a ser construído entre os séculos XVI e XVII, a partir das conquistas do pensamento humanista. Na velha sociedade tradicional a criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato, era

considerada uma miniatura de um adulto, mas a representação da infância foi mudando ao longo dos tempos e com diferentes sociedades (ARIÈS, 1981). Até o século XVIII, a criança era considerada um adulto imperfeito, uma figura desinteressante e marginal, com pouca ou nenhuma relevância na sociedade e na cultura, com pouco protagonismo. Assim, as narrativas para as crianças acompanham a criação de um mundo próprio da criança, de uma concepção filosófica sobre a infância, a criança tomada como à parte, investida de inocência mítica, desde então, e cada vez mais, a infância vem ganhando terreno no discurso social.

Nascemos, crescemos e nos desenvolvemos na busca de respostas para algumas perguntas existenciais, que são de extrema relevância, uma vez que são como fragmentos, retalhos que vão nos constituindo, escrevendo a nossa história. Atualmente, como no passado, uma das mais importantes tarefas, junto às crianças, é acompanhá-las na busca pelo sentido da vida, dos laços que vão tecendo as relações e esculpindo as experiências (BETTELHEIM, 2018).

As histórias infantis, tem este efeito, o de aproximar a criança com outros significantes, com a sua curiosidade, estimulando a sua imaginação, convocando as suas emoções, para que despertem para a aventura que está sendo narrada. A angústia, a tristeza, o medo, a alegria, o desamparo, e os mais diversos sentimentos tornam-se companheiros destas narrativas, e a partir delas, as crianças começam a encontrar sentido para as suas perguntas (BETTELHEIM, 2018).

A angústia na criança, não é nada além da manifestação da falta que sentem da pessoa amada, por isso elas se angustiam diante de situações que lhes deixem inseguras, temem a escuridão, porque, nesta, não veem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando tem a sua mão acariciada na obscuridade (FREUD, 1901-1905). Sobre a angústia infantil Freud ainda discorre:

Atribuir a todos os bichos papões da infância e a todas as histórias horripilantes contadas pelas babás a culpa por provocarem nervosismo na criança é superestimar-lhes o efeito. Só as crianças propensas ao estado de angústia é que acolhem essas histórias, que em outras não causam nenhuma impressão, e só tendem ao estado de angústia as crianças com uma pulsão sexual desmedida, ou prematuramente desenvolvida, ou que se tornou muito exigente em função dos mimos excessivos (FREUD 1901-1905, p.212).

Os contos infantis e as diferentes dramáticas que os envolvem são potentes dispositivos para promover outros significados acerca dos problemas interiores dos seres humanos, como em qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil (BETTELHEIM, 2018). A criança, imersa nas fases do seu desenvolvimento, está constantemente exposta a diferentes relações afetivas, e para enfrentar as angústias a que pode ser exposta, é importante que tenha

recursos interiores que a permita esta elaboração. “Se o Inconsciente se dá a ouvir no que o discurso cala, o corpo se dá a ver no que no olhar do Outro falta” (JERUSALINSKY, 2010, p.70).

Ao jogar simbolicamente a criança se autoriza a viajar no mundo da imaginação, criar um mundo de faz de conta, no qual não esbarra nas normas e regras provenientes do mundo dos adultos, o que possibilita a ela transformar a realidade em que se apresenta, com o objetivo de atender as suas necessidades e desejos. Dessa forma, evidencia-se a importância da função simbólica como um meio que permite à criança expressar seus desejos, conflitos internos, angústias e ressignificar o meio em que vive. Este processo de simbolização depende do Outro, que desejante da criança adotou-a para que ocupe um lugar na sua cadeia de significantes, inscrições necessárias, na linguagem.

Para que uma história, uma brincadeira capture a atenção da criança, deve despertar a sua curiosidade, estimular a sua imaginação, relacionar-se com os aspectos da sua personalidade, sem desprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, possibilitar-lhe total crédito, assim contribui para a promoção da confiança da criança em si mesma, nos outros e no seu futuro. Melanie Klein (1981) ressalta que o brincar é uma atividade natural das crianças, uma expressão simbólica da fantasia inconsciente. A criança, por meio das brincadeiras, traduz as suas fantasias, seus desejos e suas experiências de vida de modo simbólico. Portanto, a prática psicanalítica com crianças se apoia no inconsciente, na transferência e na pulsão.

A metáfora ajuda a criança a afastar o conto da realidade, suavizando a identificação com o personagem que exprime os conflitos que a afligem no momento, sem ameaçá-la. Desse modo, a criança irá trabalhar seus conflitos de forma indireta, utilizando-se do enredo e dos personagens do conto. É um processo parecido ao que ocorre quando a criança brinca. Ela também se utiliza do simbólico para dar vida ao seu material mais arcaico ou sem nome, para seus medos primordiais. E, é através do brincar da criança que se torna viável a psicoterapia infantil.

Melanie Klein, através da sua técnica baseada no jogo, pensa que a criança, ao brincar, vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os ao exterior nos brinquedos. Este mecanismo é possível, porque muito cedo tem a capacidade de simbolizar. [...] O brinquedo permite à criança vencer o medo aos objetos, assim como vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma “ponte entre a fantasia e a realidade”. (KLEIN apud ABERASTURY, 1982, p. 48)

Freud (1907-1908) em “Sobre As Teorias Sexuais das Crianças” argumenta que desde a infância tenta-se desvendar enigmas, e que a maior motivação é a curiosidade sexual. Esses

enigmas geram fantasias que tentam desvelar o mundo dos adultos, do mesmo modo a criança necessita utilizar a fantasia para estabelecer uma ponte entre o mundo interno e a realidade exterior. “A ficção, infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum, é preciso sonhar” (CORSO; CORSO, 2006, p.304). Bettelheim (2018) destaca que

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 2018, P. 16).

Desse modo, os contos infantis, carregam um potencial de imagens, fantasias, interpretações, significados, que podem colaborar com as reflexões acerca das experiências na infância.

4 CONTOS INFANTIS: UM DISPOSITIVO PARA (RE) INSCREVER

“ERA UMA VEZ uma mamãe pata que teve 5 ovos. Ela esperava ansiosamente pelo dia em que os seus ovos quebrassem e deles nascessem os seus queridos filhos! Quando esse dia chegou, os ovos da mamãe pata começaram a abrir, um a um, e ela, alegremente, começou a saudar os seus novos patinhos. Mas o último ovo demorou mais a partir, e a mamãe começou a ficar nervosa...

Finalmente, a casca quebrou e, para surpresa da mamãe pata, de lá saiu um patinho muito diferente de todos os seus outros filhos.

- Este patinho feio não pode ser meu! [...]”

(ANDERSEN, 1988)

A história da humanidade se perpetua a partir do ato de contar e recontar histórias e, assim, elas foram passeando oralmente de geração para geração, de cultura em cultura, se fixaram nas paredes, nas pedras, cavernas e, finalmente, no papel. As histórias viraram letras e livros, e desse modo, se inscreveram na vida das pessoas. E, por mais visual e virtual que seja o mundo contemporâneo, elas continuam exercendo fascínio nos adultos e crianças. De tal modo é com os contos de fadas que exercem fascinação nas crianças e o efeito deles tem um valor muito importante, tem um valor terapêutico.

O “Ateliê de Contos Infantis” propõe endereçar fantasias, ao possibilitar uma forma suportável de falar das singularidades, da história de vida de cada um, para o grupo e com o grupo, o corpo coletivo e possibilitar, por meio destes relatos, um espaço de protagonismo e (re) inscrições. A escolha pela identidade do espaço do qual tratamos, tem grande influência na maneira pela qual o trabalho será conduzido. O uso do nome atelier, que em francês condensa *acte* (ato) e *lier* (ligar) remete à ideia de um tecido que se borda: “bordar (escrever) sobre uma superfície (folha, corpo), delimita e demarca as bordas pelas quais se dá, ao mesmo tempo, a separação do outro (fazendo um) e a união com o outro (compondo o corpo coletivo)” (TREVISAN, 2007, p. 173).

Ao longo deste capítulo buscarei apresentar algumas experiências com ateliês de histórias e suas contribuições no campo da Psicologia. O psicanalista e psiquiatra, Pierre Lafforgue (1995) citado por Gutfreind (2010), contribuiu de maneira significativa para embasar teoricamente a utilização dos contos infantis em um ateliê terapêutico, ao mesmo tempo que apresentava um modelo claro de trabalho. Os ateliês de Lafforgue iniciaram em 1977, na cidade de Bordeaux, em um hospital dia. Desde o princípio da prática do ateliê, o autor utilizava o conto como instrumento, criando um tempo e um espaço que oferecessem estrutura à criança, na busca por uma técnica de trabalho (GUTFREIND, 2010).

O autor ainda ressalta a preocupação com o espaço em que o ateliê vai acontecer, o *setting* terapêutico, não sendo uma questão de pouca relevância, mas carregada de significantes, pois reveste-se de um investimento simbólico e, por isso, torna-se tão significativo para o processo de intervenção. O espaço, o tempo, as sessões e a contação de histórias constituem o modelo pesquisado por Lafforgue (1995) e citado por Gutfreind (2010).

Durante a contação das histórias preconizou-se a introdução de um ritual de começo e fim da história, para demarcar a passagem do imaginário para o simbólico (GUTFREIND, 2010). Cada psicoterapeuta que se utiliza dos contos como um mediador deste espaço terapêutico encontra a sua identidade, sendo importante atentar para a mesma, para melhorar, explorar as técnicas, pois a flexibilidade se torna necessária, visto que as realidades que se apresentam são inúmeras. Com isso,

Lafforgue, igualmente, concedeu muita importância para o olhar, comparando o do ouvinte para o contador ao que lança à mãe o bebê que esta amamentando no seio ou na mamadeira. A voz de quem conta, homem ou mulher, exerceria, assim uma função regressiva, maternal e nutridora, e ele destacou que, na atividade de contar histórias, a troca entre os participantes passa, essencialmente, por três canais: o gestual, o vocal e instrumental (LAFFORGUE, 1995 apud GUTFREIND, 2010, p. 165).

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, uma vez que a vida de cada sujeito é escrita pela sua história, pela sua trajetória, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa é escrita pelas suas escolhas e renúncias, e pode ser rica em aventuras, alegrias, tristezas, carregada de frustrações e reflexões, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro (CORSO; CORSO, 2006).

A vida é uma história, um emaranhado de idas e vindas, e o que ela nos conta é sempre um tipo de ficção. Existe quem defenda a arte, em especial a literatura, como uma profecia, pois ela tem algo de tempo fusionados como no inconsciente, presente, passado e futuro na mesma dimensão. Esta trama que o viver nos permite, nos ajuda a pensar a nossa existência e quando nos deparamos com as histórias imaginadas pelos outros e que são contadas em um livro, em um filme ou na fala de personagens de uma peça teatral, permite-nos habitar essas vidas de fantasia e pensar sobre o nosso destino, os nossos desejos. Os enredos que nos tocam na ficção são os que nos falam de perto, não necessariamente de forma direta, mas tangencialmente (CORSO; CORSO, 2006).

Os contos infantis iniciam normalmente com a tradicional preposição “Era uma vez...”. Este início permite com que a criança se coloque em um tempo cronológico indeterminado, seja no passado, presente, seja no futuro. Destarte, ameniza a dureza da realidade, permite então, o

espaço para fluir a sua imaginação. “Imaginando, ela pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, a morte, o medo, a rivalidade fraterna, a separação e o abandono” (GUTFREIND, 2004, p. 25).

Para uma criança, o que fica de um conto é o que ele fez refletir na sua subjetividade, e como ele se apresentou a ela, se pela mão de um adulto, de tal modo ela pode pensar que teve uma intenção em apresentá-la àquele determinado conto específico. Já por outro lado, a história, pode ser escolhida por ela, encomendada, propondo que se brinque, como se ela fosse um personagem. São estas interações, entre o adulto e a criança, ao se ter o conto como um dispositivo, que podem operar como uma espécie de diálogo inconsciente (CORSO; CORSO, 2006).

A narrativa é compreendida como constitutiva da nossa humanidade, uma boa interpretação de como as crianças lidam com os contos de fadas é apresentada por Walter Benjamin em seu artigo “Livros Infantis Antigos e Esquecidos”. Para Benjamin (2002),

[...] as crianças se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos, onde quer que eles surjam – na construção de casas, na jardinagem, na carpintaria, na confecção de roupas. Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmo. O conto de fadas é uma dessas criações compostas de detritos – talvez a mais poderosa na vida espiritual da humanidade, surgida no processo de produção e decadência da saga. A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos. Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos (BENJAMIN, 2002, p. 104).

Como toda grande arte, o conto de fadas tem como característica o encantamento, a fantasia. Seu talento especial é que faz isso em termos e palavras que falam diretamente com as crianças. Na idade em que essas histórias têm o máximo de sentido e significado para a criança, o principal problema desta é compreender melhor a si mesma, os conflitos interiores que a acompanham, e o que pode contribuir para um melhor entendimento de si (BETTELHEIM, 2018).

A grande maioria dos contos clássicos circulam oralmente por centenas de milhares de anos, com o objetivo de possibilitar às crianças pontos de amarração com a cultura. Eles acionam sentimentos de identificação com o medo, a inveja, o amor, o ódio, transmitindo-lhes valores morais ou culturais de um determinado período (JERUSALINSKY, 2011).

As interpretações realizadas pelos adultos, por mais próximas que sejam, retiram da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ressignificar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos,

encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos, por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa própria conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros (BETTELHEIM, 2018).

O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de maneira bem realista, e ter traços do cotidiano inscritos nele. A natureza irreal desses contos é um artifício simbólico, de grande relevância, porque torna evidente que o que interessa aos contos de fadas não é a informação útil sobre o mundo exterior, mas os processos interiores que têm lugar num indivíduo, os aspectos psicodinâmicos e os seus efeitos terapêuticos (BETTELHEIM, 2018).

Os contos ‘Patinho Feio’ e ‘Dumbo’ nos remetem às primeiras angústias de separação e desamparo infantil. ‘Chapeuzinho Vermelho’ e ‘Os três porquinhos’ referem-se à curiosidade sexual infantil, a oralidade, a sedução por um adulto e a construção da função paterna. Já nos contos ‘Pele de Asno’ e ‘Bicho Peludo’ podemos ter acesso às formas indiretas ou disfarçadas da sexualidade, que, apesar de atrair, causam ao mesmo tempo ameaça e repulsa. A passagem da infância para adolescência, o período de latência, típico de ‘Bela Adormecida’ e a busca necessária de outros horizontes além do familiar são ilustrados nos contos ‘Rapunzel’ e ‘A Bela e a Fera’. Quanto ao universo do menino, vemos nos contos ‘Pinóquio’ e ‘João e o pé de feijão’, por exemplo, a trajetória em busca de identidade autônoma, mediante desafios e superações das diversas facetas da figura do pai, o que representa a necessária morte simbólica deste (CORSO; CORSO 2006, p. 182).

Alguns dos contos infantis, a exemplo dos supracitados, por serem mais conhecidos, por terem sido mais citados, oferecem uma gama de interpretação muito diversa, ora diretamente, ora de forma subliminar. O que importa nesse processo é a forma como ao ser contado, gera no sujeito um impacto que o leva a sua própria interpretação.

5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

“Era uma vez uma linda menina, que morava com sua mãe, numa bela casinha. Ela sempre usava uma capa com um chapeuzinho bem vermelho.

Certo dia, sua mãe pediu que ela fosse levar uma cestinha de doces, para sua vovó:

– Chapeuzinho, evite o caminho da floresta que é perigoso, vá pelo bosque e não fale com estranhos.

Chapeuzinho adorava sua avó, e saiu em disparada, cantando de alegria. Queria fazer uma surpresa para vovó e começou a colher as flores que encontrava no caminho. A menina estava distraída com as flores, quando deu de cara com o lobo mau. Ela não sabia que ele era o lobo malvado, mas não se assustou e nem sentiu medo. [...]”

(PERRAULT, 1989)

A pesquisa será realizada com aporte metodológico qualitativo. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os sujeitos realizam a respeito de como vivem, constroem suas histórias e a si mesmos, bem como o que sentem e o que pensam. Para atingir os objetivos propostos, esta pesquisa caracteriza-se por ser de natureza narrativa (MINAYO, 2010).

A metodologia em psicanálise, no sentido qualitativo do termo, promove uma exploração das experiências do sujeito. Do mesmo modo, fomenta conceitualmente os elementos que versam sobre fantasias e desejos. Sendo assim, abre-se o campo da prática e da teoria não como antagonistas, mas como duas ênfases exploratórias que demarcam o campo das interfaces entre: Contos Infantis, Psicanálise e Infância. A psicanálise, considerando o seu método e a sua epistemologia, possibilita operar com elementos inconscientes também do campo da pesquisa, e no campo do ensino e da aprendizagem. Permite-se igualmente, construir um conhecimento que considere os elementos inconscientes que atravessam (FERREIRA; VORCARO, 2018).

A psicanálise convoca a ter um olhar atento para a infância, porque é nela que um sujeito se estrutura e se constitui, sendo capaz de amar, sofrer, posicionar-se, construir saberes e elaborar questões sobre a sua vida e sobre a vida dos outros. Enfim, o que muitas vezes a criança não consegue traduzir em palavras, ela produz recursos, tais como brincar, desenhar, recursos como suporte para o discurso, para dar vasão à palavra que não foi endereçada (FERREIRA; VORCARO, 2018).

5.1 TERRITÓRIO DE PESQUISA

O território da pesquisa foi o Núcleo de Apoio às Escolas, projeto de extensão universitária que acontece dentro da Clínica de Estudos e Práticas em Psicologia, na Universidade Luterana do Brasil, campus Santa Maria-RS. Contará com a participação de até dez crianças, entre 4 e 5 anos de idade, as quais serão encaminhadas pelas escolas contempladas pelo NAE.

Este estudo será realizado a partir da estrutura e organização desse espaço, em que se encontram crianças que frequentam a Educação Infantil e estão inseridas em escolas atendidas pelo Núcleo de Apoio às Escolas (NAE), da região oeste da cidade de Santa Maria – RS, região atendida pelo NAE, projeto de extensão que acontece na instituição ULBRA – Campus de Santa Maria-RS. A coordenação deste projeto está sob a responsabilidade do Professor Luis Henrique Ramalho Pereira, no qual sou a Psicóloga, responsável técnica da Clínica de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), e participo ativamente das propostas de intervenção do Núcleo.

As escolas contempladas, devido a sua localização são: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Pinheiro Machado; Escola Municipal de Ensino Fundamental João Hundertmarck; Escola Estadual Tancredo Neves; Escola Estadual de Ensino Fundamental Boca do Monte; Escola Marista Santa Marta e Escolinha Educação Infantil Estrelinha Brilhante.

O projeto do NAE está devidamente alinhado com as diretrizes curriculares nacionais da psicologia, que prevê a implementação de espaços formativos no campo da promoção de saúde, tendo uma abrangência em uma das regiões mais carentes da cidade de Santa Maria. Visa, desta forma, implementar políticas de promoção de saúde à comunidade atendida, ao ampliar assim, a possibilidade de interação da universidade com a comunidade, ultrapassando os muros, em um movimento de aproximação, que amplifica os aspectos acerca das operações formativas dos alunos, bem como possibilita uma resposta efetiva da universidade para a sua comunidade.

Esta proposta de intervenção acadêmica, representada pelo NAE, visa propiciar ao aluno uma visão ampla sobre as possibilidades de intervenções no campo educacional, através da construção de diferentes pontos de vistas, do institucional ao clínico, reconhecendo as variadas manifestações de produções no campo educativo institucional. Com o intuito também, de formar uma postura ética e condizente com as atuações na área da psicologia da educação e nos demais campos do saber. Sendo que, todos estes objetivos estão alinhados com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da psicologia, e fundamentalmente ligados às competências

que culminam na compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão.

O “NAE” nas suas intervenções propõe grupos terapêuticos de apoio às crianças com dificuldades de aprendizagem e/ou socialização, bem como grupos aos pais, e oferece suporte de formação e acompanhamento à escola, no sentido de articular a prevenção e promoção da saúde mental da criança, dos familiares e dos personagens envolvidos no contexto escolar. São realizadas ações em seis eixos, a fim de possibilitar a organização do serviço e efetividade no atendimento às demandas apresentadas ao longo das intervenções. A divisão dos eixos propostos, são estruturadas da seguinte forma:

Eixo I: Entrevistas Individuais (responsáveis e crianças) – Triagem;

Eixo II: Grupo de crianças / adolescentes;

Eixo III: Grupo de responsáveis (pais, avós, irmãos, tios, familiares);

Eixo IV: Acompanhamento Terapêutico (AT);

Eixo V: Projetos de Intervenção nas escolas / Apoio efetivo à escola;

Eixo IV: Gestão e Formação;

5.2 DETALHAMENTO DOS EIXOS

EIXO I: Entrevistas Individuais (responsáveis e crianças) – Triagem: Neste eixo ocorre a verificação da lista que é encaminhada pelas escolas situadas na região oeste de Santa Maria, e que são atendidas pelo NAE. E, então, é realizado o contato com a família e/ou responsáveis pelas crianças encaminhadas, e agenda-se o dia e horário para realização da triagem.

EIXO II: Grupo com Crianças / adolescentes: Uma outra proposta de atendimento do NAE são os grupos terapêuticos voltados para os alunos encaminhados pelas escolas, os quais ocorrem no mesmo dia e horário do grupo de pais e responsáveis. Nestes, são promovidos espaços de ludicidade e interação, em prol da promoção da saúde mental dos sujeitos envolvidos no processo.

EIXO III: Grupo com pais e responsáveis: Esse eixo é responsável pela organização dos grupos de apoio oferecidos aos pais e responsáveis dos alunos atendidos, são realizados encontros semanais, coordenados por dois estudantes de psicologia atuantes no NAE. O encontro se dá através de uma proposta de grupo sistêmico comunitário, e pode atender os familiares que possuem relação direta com o aluno atendido, além dos cuidadores principais. O

grupo de pais ou responsáveis ocorre simultaneamente ao acolhimento no grupo de crianças e adolescentes.

EIXO IV: Acompanhamento Terapêutico nas Escolas – AT: Esta etapa ocorre quando o estagiário se desloca da universidade e vai até a instituição (escola) do aluno para acompanhá-lo em caráter de observação, dentro do âmbito escolar. O papel do A.T tem como objetivo acompanhar em loco as demandas pelas quais esse aluno foi encaminhado. A presença do estagiário na instituição/escola, também visa possibilitar uma escuta aos professores e gestores, a fim de elaborarem ações em conjunto.

EIXO V: Projeto de Intervenção nas escolas/ Apoio efetivo às escolas: Trata-se de ciclos itinerantes de arte e cultura, realizados nas escolas referenciadas pelo NAE. O Projeto pretende oferecer acolhimento às demandas através de sessões de cinema e espaços de produção e difusão artística, debates sobre temas relevantes à comunidade, e ações de formação para professores e alunos. Inicialmente, são mapeadas as demandas das comunidades escolares, e planejamento das atividades conforme as demandas surgem, realização das intervenções, seguidas de discussões e avaliação final pela equipe.

EIXO VI: Gestão e Formação: O trabalho de Gestão do NAE foi desenvolvido a fim de criar ações de gerência das atividades pensadas e executadas pelo serviço, bem como de formação para os agentes envolvidos, psicólogos, professores, estagiários, estudantes e famílias. O trabalho deste eixo é de grande relevância para dar sustentação aos trabalhos realizados pelo núcleo, haja vista que foram identificadas diversas demandas no decorrer do desenvolvimento do projeto. O trabalho realizado pela Gestão e Formação possibilita um maior suporte e conhecimento das demandas oriundas das escolas.

Deste modo, a partir dos eixos de trabalho, o Núcleo de Apoio às Escolas visa integrar uma rede de apoio aos usuários, buscando estabelecer um vínculo entre escola, família e psicologia, na promoção de saúde mental da criança ou adolescente em processo de escolarização. O NAE também oportuniza apoio efetivo à escola mediante às demandas do cotidiano escolar que se apresentam como impasses ao processo educacional. Com isso, preocupa-se em realizar ações que possam oferecer resolutivas às demandas identificadas pelos profissionais atuantes no contexto escolar.

O projeto proposto “ERA UMA VEZ O ATELIÊ: UMA TRAVESSIA PELOS CONTOS INFANTIS”, no grupo de crianças, eixo II, possibilita uma parceria entre as escolas da região oeste da cidade de Santa Maria-RS, atendidas pelo NAE, a psicologia e a Universidade Federal de Santa Maria, por meio de um vínculo que viabilize uma melhor relação entre esses campos. As crianças que apresentarem fragilidades de aprendizagem e/ou

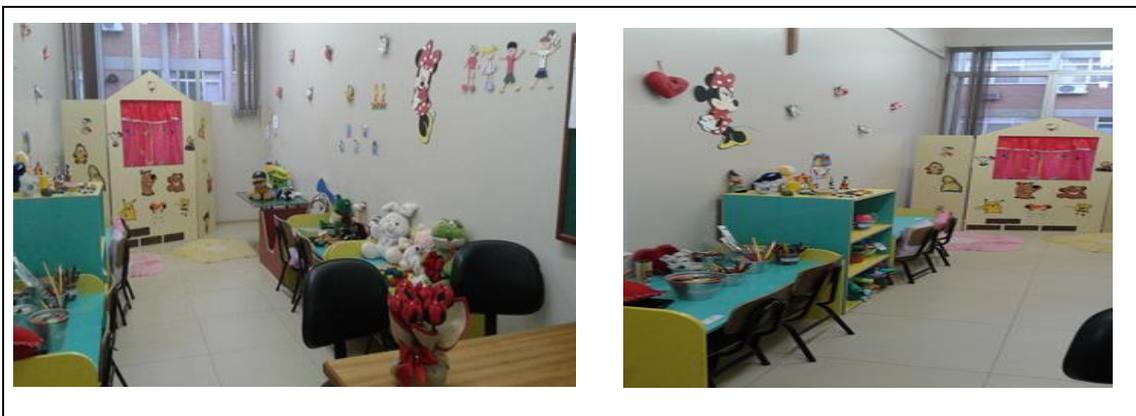
socialização na escola poderão ser encaminhadas para a entrevista inicial. Cada escola que já participa dessa parceria com o NAE poderá encaminhar até duas crianças, entre 4 a 5 anos de idade, para a triagem, o que totaliza dez crianças, que é o número de participantes proposto para o grupo.

Este projeto visa possibilitar uma relevância na vida destas crianças e, conseqüentemente, na vida destas famílias, pois as crianças terão um espaço, o Ateliê, que funcionará dentro da CEPPSI, na sala do NAE, espaço este, para expressar as suas angústias por meio desta imersão nos contos infantis, e da possibilidade de uma nova narrativa, produzida como efeito na reescrita destas histórias de vida.

5.3 SALA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS - NAE

Esse espaço (Figura 1) é destinado para expressão das angústias através desta imersão nos contos infantis, e da possibilidade de uma nova narrativa, produzindo como efeito na reescrita destas histórias de vida.

Figura 1- Sala de triagem e atendimento infantil do Núcleo de Apoio às Escolas

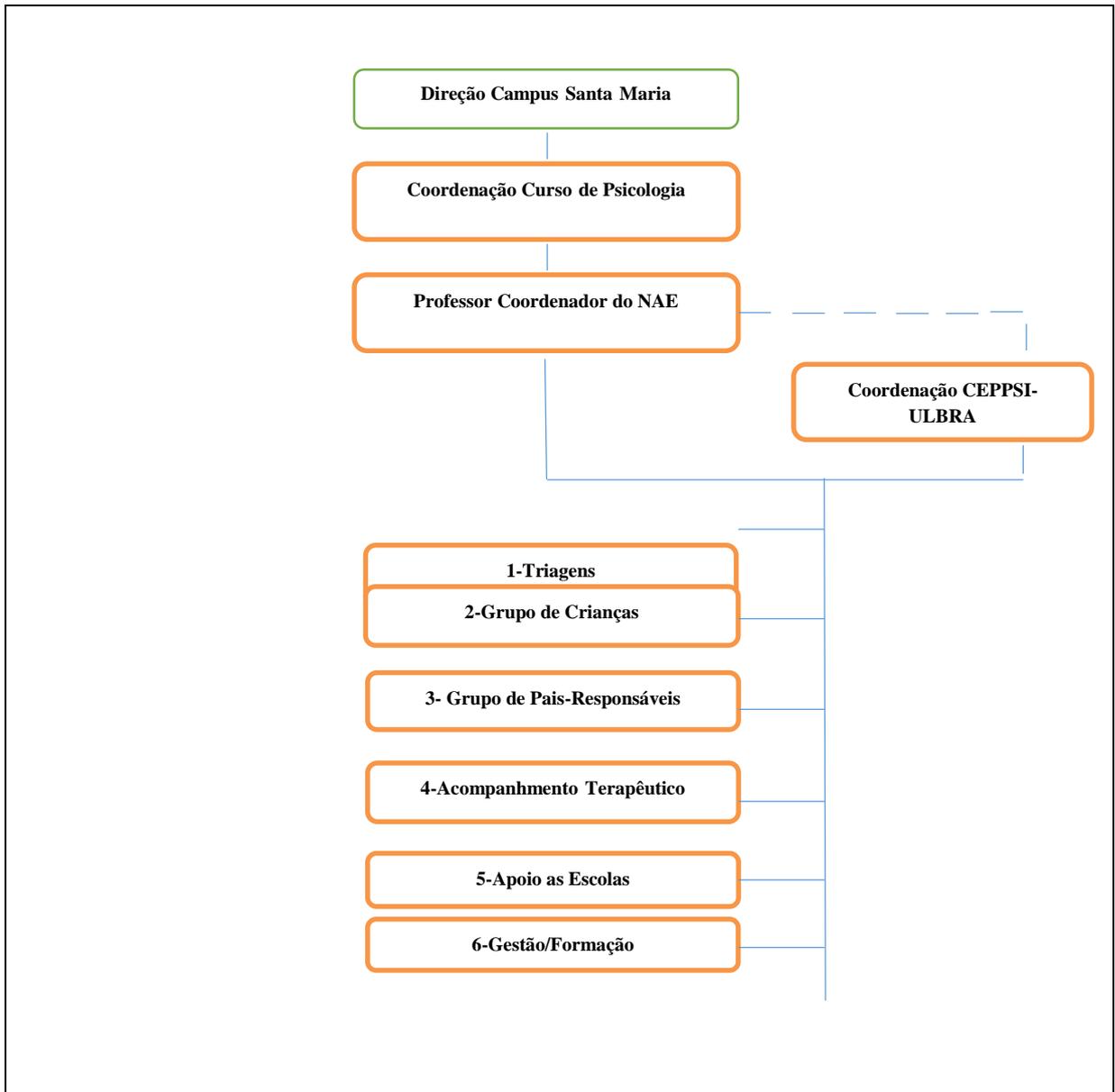


Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

5.4 ORGANOGRAMA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS – NAE

O funcionamento da sala ocorre de forma estruturada para atender às especificidades da demanda, do contexto escolar (Figura 2).

Figura 2 - Fonte: Elaboração própria com base no organograma do Núcleo de Apoio às Escolas.

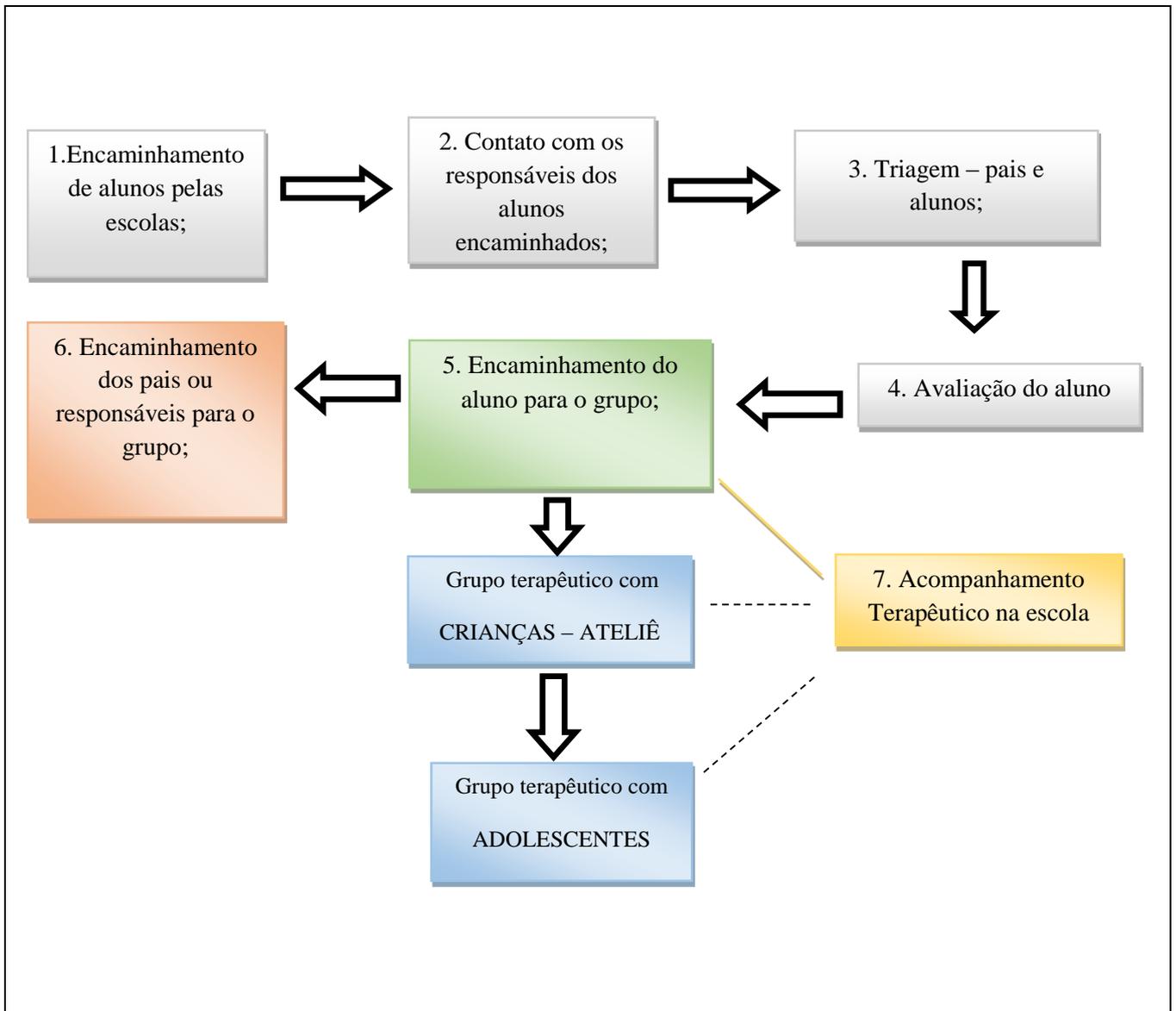


Fonte: (Manual de Normas e Procedimentos Núcleo de Apoio à Escola).

5.5 FLUXOGRAMA DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS

O NAE, possui uma organização que permite identificar os fluxos (Figura 3) dos serviços prestados. Da mesma forma, esse caminho colabora para que o próprio usuário se identifique nas etapas que persegue no interior do NAE.

Figura 3- Fonte: Elaboração própria com base no fluxograma do Núcleo de Apoio às Escolas.



Fonte: (Manual de Normas e Procedimentos Núcleo de Apoio à Escola).

5.6 AMOSTRA/POPULAÇÃO ALVO:

O público participante da pesquisa será de até dez crianças, entre 4 e 5 anos de idade, encaminhadas pelas escolas da região oeste de Santa Maria, contempladas pelo Núcleo de Apoio às Escolas (NAE).

5.7 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- a) Escolas que possuem Educação Infantil;
- b) Escolas contempladas pelo Projeto de Extensão NAE, situadas na região oeste da cidade de Santa Maria – RS.

5.8 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- a) Escolas que não possuem Educação Infantil;
- b) Crianças que possuem menos de 4 anos de idade e acima de 5 anos de idade;

5.9 PRODUTO

Ateliê de Contos Infantis: Espaço Terapêutico Educacional no Núcleo de Apoio às Escolas

- 1) Conhecer a realidade do local onde a intervenção do Ateliê será realizada;
- 2) Encaminhamento das crianças que encontram fragilidades de socialização e/ou aprendizagem dentro do contexto escolar;
- 3) Entrevistas preliminares com os familiares, os professores e com as crianças;
- 4) Escolha das histórias que serão contadas no ateliê;
- 5) Ateliê de Contação de Histórias;
- 6) Entrevistas posteriores com familiares, professores e as crianças;
- 7) Produção de um diário de pesquisa, fotos e vídeo com o registro do processo do grupo ateliê de contos infantis. Arquivo dos registros de imagem e vídeos do processo ateliê envolvendo as sessões.
- 8) Análise dos dados;

5.9.1 MOMENTOS DO ATELIÊ DE CONTOS INFANTIS

O “Ateliê” será organizado em quatro momentos: O momento inicial com as crianças será o da palavra, o momento do encontro, de aproximação para enlaçar e fortalecer os vínculos, e após, no primeiro encontro, e sempre que for necessário retomar, um breve relato sobre o

contrato terapêutico, com combinações sobre o funcionamento do grupo. O segundo momento é a leitura de um conto infantil pré-determinado, de acordo com a escuta da terapeuta durante as entrevistas com os professores, famílias e crianças, atentando para a psicodinâmica presente nas histórias, o dispositivo mediador do espaço; “Conte apenas os contos que te habitam” (LAFFORGUE, 1995 apud GUTFREIND, 2010, p.167).

O terceiro momento consiste na realização de algum registro a partir do conto. Este registro pode ser: desenhos, modelagens, pinturas, dobraduras, construções com materiais recicláveis. “Os desenhos como registros, tem o propósito de permitir a construção das representações conscientes e inconscientes, a medida em que elas são interiorizadas” (LAFFORGUE, 1995 apud GUTFREIND, 2010, p.169).

O quarto e último momento, é a exposição ao grupo feita pelas crianças, do que criaram, recontando a história trabalhada a partir de sua subjetividade, pois destaca-se que

O Conto funciona como primeiro organizador para abordar esses conflitos. O psicodrama como uma técnica particular, permite reutilizar a experiência trazida pelo ateliê de contos para voltar a encenar, interiorizar e representar as situações trazidas pelas associações das crianças no que diz respeito às suas próprias vivências familiares (LAFFORGUE, 1995 apud GUTFREIND, 2010, p.168).

Os contos infantis que serão escolhidos para serem contados no Ateliê, em sua maioria, serão os contos clássicos, porquanto possuem uma característica de abordar diversas questões que dizem respeito ao imaginário da infância. Esses contos serão selecionados previamente pela pesquisadora, a partir dos relatos nas entrevistas iniciais com os personagens que estarão envolvidos no processo.

O grupo será composto por até dez crianças com idades entre quatro e cinco anos, encaminhadas pelas escolas da região oeste, atendidas pelo NAE. Será considerado como critério para o encaminhamento, as crianças da educação infantil que apresentarem fragilidades na socialização e/ou de aprendizagem dentro do contexto escolar. O encaminhamento será realizado pelas escolas, e após, será feito o contato com os responsáveis para marcar a triagem.

O grupo será fechado devido a questões relativas ao sigilo ético e à construção de laços significativos, entre os seus participantes. A frequência do Ateliê será semanal, com duração de uma hora e ocorrerá na sala do NAE. “A arquitetura, os móveis, os materiais devem ser pensados de forma a favorecer a simbolização” (LAFFORGUE, 1995 apud GUTFREIND, 2010, p.164). Serão utilizados recursos, para a realização das intervenções propostas após a leitura do conto, tais como: lápis de cor; giz de cera; lápis preto; canetinhas; cola; tesoura;

papéis diversos; tintas; pincéis; material para recortar; material de sucata; argila e massa de modelar.

Para acessar estas crianças será feito um primeiro contato com as escolas contempladas pelo NAE, solicitando estes encaminhamentos. Após, será feita uma triagem para, posteriormente, os encaminhamentos para o Ateliê de contos infantis. No Ateliê, os contos serão utilizados como dispositivos para permitir uma possível narrativa, ao observar quais efeitos estes podem ter na vida imaginária das crianças que participarem do Ateliê.

6 DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 IMPORTÂNCIA DE CONHECER A REALIDADE PARA A INTERVENÇÃO DO ATELIÊ

Conhecer a realidade, a cultura, os laços sociais das crianças que serão encaminhadas para o Ateliê é de extrema relevância para pensar a escolha e proposição das histórias selecionadas para serem contadas. Esta escolha não é engessada, podendo sofrer alterações conforme as sinalizações do grupo e das singularidades de cada criança.

6.2 INSTRUMENTOS DA INTERVENÇÃO: TIPOS DE ENTREVISTAS FAMILIARES, PROFESSORES E AS CRIANÇAS

Trata-se de uma entrevista semiestruturada que será realizada anteriormente e posteriormente ao início do grupo, com as famílias, professoras e crianças. Nas entrevistas com os pais serão investigados os desejos maternos e paternos sobre a criança, o imaginário sobre o filho, a percepção do desenvolvimento do filho. Enfim, o que permita observar a relação entre o projeto simbólico para o filho e a percepção da evolução do mesmo. Também se buscará perceber a forma como escutarão o encaminhamento feito pelos profissionais, e o que facilita ou impede a busca do mesmo. Para tanto, será elaborado um roteiro de entrevista que permita abordar tais questões. Após o aceite, os pais serão informados sobre a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

A existência de um protocolo se faz necessário para que se inclua aspectos relevantes para a pesquisa, como a escolha das histórias, o comportamento das crianças durante a escuta da história, a relação da criança no grupo, a relação da criança com o terapeuta. O registro por meio de fotos e vídeos foi pensado para complementar o relatório.

6.3 ESCOLHA DAS HISTÓRIAS QUE SERÃO CONTADAS NO ATELIÊ

As histórias infantis possibilitam a criança elaborar questões que se perpetuam como: Como é realmente o mundo? Como viver a minha vida nele? Como posso de fato ser eu mesmo? As respostas dos contos são sugestivas, suas mensagens podem trazer conteúdos implícitos, que variam de sujeito para sujeito, deixando para a própria fantasia da criança a decisão de como as mesmas se revelam sobre a sua vida e a natureza humana (BETTELHEIM, 2018).

6.4 OBTENÇÃO DOS DADOS

A) Produção de um diário de pesquisa, fotos e vídeos com o registro do processo do grupo Ateliê de contos infantis.

B) Arquivo dos registros de imagens e vídeos do processo Ateliê, envolvendo as sessões.

6.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise será qualitativa, utilizando os referenciais psicanalíticos. A perspectiva dessa análise quer apontar para uma clínica como analítica de si e educacional como movimento do pensamento (experimental perspectivas). Portanto, tal análise fica atenta ao trabalho grupal e seus fenômenos, à captura do acontecimento, à preocupação pelo detalhe, todos eles se referindo a uma clínica da ação, aliando singularidades, subjetividades, afeto e escritura.

O Ateliê de contos infantis, no grupo de crianças do NAE, atuará como um espaço terapêutico educacional, e é no grupo que os efeitos do Ateliê serão visualizados e identificados, o material escrito pode ser lido e compartilhado.

6.5.1 História: Era uma vez “O Patinho Feio”

“Os dias passaram e, à medida que os patinhos cresciam, o patinho feio tornava-se cada vez mais diferente dos outros patinhos. Cansado de ser gozado pelos seus irmãos e por todos os animais da quinta, o patinho feio decide partir [...]”

(ANDERSEN, 1988)

A história “Patinho Feio” possibilita lançar questão para a chegada da criança na família e para as dificuldades que o bebê enfrenta para encontrar e construir um lugar no mundo, no processo da constituição do sujeito. É uma história que chama atenção das crianças pequenas, uma trama sem dramas amorosos, nem bruxas vingativas. A mesma propõe uma provocação sobre a beleza que os adultos percebem nos seus bebês recém-nascidos, bem como sintetiza duas fantasias assustadoras: um dos pais, o medo de ter o filho trocado e a outra dos filhos, a de se descobrirem adotivos (CORSO; CORSO, 2006).

Ambas as fantasias apontadas pelos autores evocam uma certa verdade, pois o laço biológico que une geneticamente a criança aos seus pais não oferece garantias necessárias para

se sentir amado. Este enlace, embora regido pela música dos batimentos cardíacos, pela voz materna e pela água uterina, compartilhados durante toda a gestação, precisa ser renegociado, carregado de muitos investimentos. Nesse contexto, a mãe precisa olhar, reconhecer e adotar este recém-nascido como seu filho. A mãe e o bebê têm vários momentos para se desencontrar: na gestação, no parto ou no puerpério, todos muito importantes para estabelecer e fortalecer o vínculo. (CORSO; CORSO, 2006).

O ventre materno é carregado de ideais, o bebê vai crescendo e mesmo que se torne um belo cisne, carrega o sentimento de que algo lhe falta para satisfazer o que a mãe esperava como um ideal. Essa defasagem, esta falta é o tecido do conto do Patinho Feio. O “feio” pode ser pensado para tudo o que não se encaixa na “normalidade”, determinado pela cultura, o que está fora do padrão. A história aponta para questões como: desamparo infantil, vínculo mãe-bebê, angústia de separação, valor social da maternidade e do amor materno, sentimentos de inadequação e de rejeição na família (CORSO; CORSO, 2006).

Materiais necessários para a contação da história “O patinho feio”: Tapete; almofadas; som; música (trilha sonora com sons de água); avental de contação de histórias “O patinho feio”; luvas e palitoches que compõem o cenário da história; massa de modelar; garrafas pequenas de plástico, contendo no seu interior água, purpurina e pedaços de cordões; borracha; apontador; lápis preto; lápis de cor; giz de cera; canetinhas hidrográficas; folhas de ofício brancas e coloridas; tesoura e cola.

Figura 4 - Avental de Contação de História: O Patinho Feio; Luvas e Palitoches



Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

Quadro 1- Era uma vez... O Patinho Feio

História: O Patinho Feio	História: O Patinho Feio
1º Encontro	2º Encontro
Mês: Abril	Mês: Abril
<p>O tempo da palavra: Neste primeiro tempo, a palavra circula livremente, ainda sem o dispositivo do conto “O patinho feio”, como um fio condutor, é tempo de acolhimento, de uma escuta sensível e atenta na narrativa das crianças, nos diálogos, questionamentos, interação entre elas e com a terapeuta. A sala estará organizada com almofadas dispostas ao longo do tapete, em círculo. E, no meio, terão garrafas plásticas pequenas de água, com purpurina e pedaços de cordões.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será contada com o recurso do avental de contação de histórias, no qual os personagens e o cenário da história “O patinho feio” ficam guardados no bolso e serão apresentados na medida que vão sendo fixados ao avental.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro será realizado a partir de um desenho, no qual as crianças terão como recursos folhas de ofício brancas e coloridas, lápis preto, lápis de cor, giz de cera, canetinhas hidrográficas, tesoura e cola.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após a contação da história e o registro, as crianças irão narrar livremente o seu desenho para o restante do grupo.</p>	<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada com almofadas dispostas ao longo do tapete, em círculo e uma música ao fundo com sons de água.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será recontada a partir de uma encenação das crianças, podendo utilizar o avental como um recurso, bem como os personagens e o cenário que o compõem. As crianças terão à disposição para a encenação luvas e palitoches que compõem o cenário da história.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro será realizado com massa de modelar.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Cada criança vai narrar, expor ao grupo, as suas modelagens.</p>

Fonte: (A autora).

Entre as gerações continuamos a repetir as mesmas histórias para as crianças, em algumas vezes com novas roupagens e velhas tramas, em outras modificamos o final, o ritmo, o estilo, mas muitas sobrevivem ao longo dos anos quase idênticas, o que as tornam ainda mais surpreendentes em um mundo de tanta liquidez e mutações (CORSO; CORSO, 2006).

6.5.2 História: Era uma vez “João e Maria”

“Havia um lenhador que vivia perto de uma floresta com sua mulher e dois filhos: um menino, que se chamava João, e uma menina, chamada Maria. Eles moravam em uma cabana de madeira e eram tão pobres que não havia comida para todos. Um dia, vendo que não tinham nada para comer, o lenhador disse a sua mulher: — Não sei o que será de nós, acho que vamos morrer de fome! A mulher, que queria se livrar de João e Maria, disse que deviam abandonar as crianças na floresta, pois assim todos teriam alguma chance de sobreviver. O lenhador não queria abandonar os filhos, mas a mulher insistiu, dizendo que a sorte poderia levar as crianças para um lugar melhor. Se ficassem ali, com eles, é que iam morrer mesmo. E assim, a mulher acabou convencendo o marido [...]”.

(GRIMM, 1994)

João e Maria é uma história de pais que abandonam os seus filhos e os condenam a morrer de fome, para ficarem com o pouco alimento que resta. A fome é um dos eixos que perpassa boa parte das histórias da humanidade, muitas vezes impulsionando as disputas por poder, desencadeando guerras e movimentos migratórios. É uma história em que as crianças, os personagens, ficam a maior parte relacionadas ao tema da alimentação. A partir de uma análise psicodinâmica da mesma, possibilita-nos reflexões sobre: a concepção oral do mundo, aquisição da locomoção, desmame, fantasia de ser devorado, fantasia de ser expulso do lar e distúrbios alimentares (CORSO; CORSO, 2006).

Uma criança pequena ao acordar no meio da noite, na escuridão, com fome, se sente ameaçada de rejeição, abandono, que nesta situação experimenta sobre a forma de medo, de passar fome, assim projeta a sua angústia nas pessoas que ela teme que possam abandoná-las, como a figura materna e a paterna. A mãe representa a fonte, figura de alimentação para os filhos, e quando a criança percebe que a mãe não está mais disposta a satisfazer todas as suas solicitações orais, a leva a crer que esta mãe se tornou uma figura egoísta e que lhe rejeita (BETTELHEIM, 2018).

A história corporifica as angústias e tarefas de aprendizagem da criança pequena, que precisa dominar e sublimar seus primitivos desejos orais incorporativos e, por conseguinte, destrutivos, pois caso ela não se liberte, os seus pais ou a sociedade forçará contra a sua vontade. Este conto dá expressão simbólica às experiências interiores ligadas à mãe. Já a figura do pai

permanece mais apagada, tal como se revela no início da vida, na qual a mãe assume uma figura primordial (BETTELHEIM, 2018).

Materiais necessários para a contação da história “João e Maria”: Tapete; almofadas; folhas secas; som; música (trilha sonora com sons da floresta); música “João e Maria”; uma lata cenário com os personagens da história “João e Maria” (João, Maria, Bruxa, Pai e a casa de doces); folhas secas; música com sons de floresta; lápis preto; borracha; apontador; lápis de cor; giz de cera; canetinhas hidrográficas; folhas de ofício brancas e coloridas; tesoura; cola; materiais recicláveis; tintas; pincéis; água; copos de plástico; panos; *cupcakes*; cobertura de brigadeiro e doce de leite; balas e confeitos coloridos.

Figura 5 - Lata Cenário da História João e Maria com os personagens: João, Maria, o pai, a bruxa e a casa de doces.



Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

Quadro 2 – Era uma vez... João e Maria

História: João e Maria	História: João e Maria
1º Encontro	2º Encontro
Mês: Abril	Mês: Abril
O tempo da palavra: A sala estará organizada com folhas secas ao longo do tapete e as almofadas dispostas ao longo do espaço. Ao fundo, uma música, com sons da floresta.	O tempo da palavra: A sala estará organizada com as produções realizadas pelas crianças no encontro anterior, compondo o cenário, o espaço, dispostas ao longo do tapete. A música João e

<p>O tempo da contação da história: A história será contada com uma lata cenário da história “João e Maria” com os seguintes personagens: João, Maria, Bruxa, o Pai e a casa de doces.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro da história será realizado com as folhas secas, materiais recicláveis (caixas, botões, tampas, rolos, papéis) e tintas. O registro sempre é singular, respeita-se o processo de criação e elaboração de cada criança.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro com os materiais recicláveis e as folhas secas, cada criança vai expor para o grupo a sua criação.</p>	<p>Maria de Chico Buarque e Sivuca estará tocando como uma trilha sonora inicial.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será lembrada a partir dos fragmentos e recortes que as crianças conseguirem recordar.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro será realizado com uma oficina de <i>cupcakes</i>, e cada criança poderá enfeitar o seu bolo com os recursos disponíveis (<i>cupcakes</i>, cobertura de brigadeiro e doce de leite, balas e confeitos coloridos).</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Exposição ao grupo do seu <i>cupcake</i>, e após cada criança poderá comer o seu bolo ou, se preferir, levar para casa.</p>
---	---

Fonte: (A autora).

O elemento fantástico presente nestas narrativas cumpre a função de garantir que se trata de outra dimensão, com possibilidades lógicas diferentes, que possibilita a criança uma viagem no tempo, no tempo que a sua fantasia e imaginação lhe permitir. Assim, os argumentos da razão e da coerência já são barrados na porta de entrada, para a festa começar, com a anunciação das palavras “Era uma vez...” (CORSO; CORSO, 2006).

6.5.3 História: Era uma vez “Chapeuzinho Vermelho”

“Era uma vez uma graciosa menina; quem a via ficava logo gostando dela, assim como ela gostava de todos; particularmente, amava a avozinha, que não sabia o que dar e o que fazer pela netinha. Certa vez, presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho e, porque lhe ficava muito bem, a menina não mais quis usar outro e acabou ficando com o apelido de Chapeuzinho Vermelho. Um dia, a mãe chamou-a e disse-lhe: - Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo, frutas e doces; leva tudo para a vovó; ela está doente e fraca e com isso se restabelecerá. Põe-te a caminho antes que o sol esquente muito e, quando fores, comporta-te direito; não saias do caminho [...]”

(PERRAULT, 1989)

Chapeuzinho Vermelho narra a história de uma menina, de capa vermelha, que segue o caminho da floresta, conforme indicado pela sua mãe, carregando uma cesta de delícias para ser entregue à vovó, que está se sentindo doente. No caminho entre a sua casa e a casa da vovó ela encontra o lobo. Ao encontrá-lo se assustou, mas logo após o susto inicial, o lobo tem com a menina um diálogo cheio de gentilezas e sutilezas, que então, acaba a seduzindo pelo discurso, e a menininha de capuz vermelho entrega, ao lobo, a sua missão, a de levar a cesta recheada de delícias até a residência da vovó. Com detalhes conta o caminho que a leva até a casa da sua vovozinha.

Este conto contém na sua essência um drama sobre a perda da inocência, a curiosidade sexual infantil e estas se preservam em todas as versões da história. Propõe no seu enredo acionar questões relacionadas com fantasias de sedução por um adulto, fantasia de incorporação e o papel do medo da função paterna (CORSO; CORSO, 2006).

A personagem da história é uma criança, cheia de curiosidades e com a ingenuidade de quem não sabe, e ainda, não suporta saber sobre o sexo, comum entre as crianças, mas a sua intuição infantil lhe diz que tem algo a mais que desperta, que anima os seres humanos que vai para além de uma cesta de doces. Na sua cesta ela carrega bolo, frutas e doces, como sendo fontes de prazer, parecendo que na vida comer é a maior satisfação e a solução para os males que se manifestam, como a doença da vovó, que ao comer as delícias da cesta, ficará boa (CORSO; CORSO, 2006).

Ao longo da sua travessia, pela floresta, ela vai sendo despertada por outros encantos, a lãbia do lobo, as belezas da natureza, os prazeres das brincadeiras, entre outros. Este percurso realizado pela Chapeuzinho representa a transição que as crianças vivem, da aparente inocência infantil, para a revelação das práticas sexuais adultas. Todos os adultos foram outrora uma Chapeuzinho Vermelho, que descobrem que as demandas sexuais existem e passam a investigá-la (CORSO; CORSO, 2006).

Diferentemente de João e Maria, Chapeuzinho Vermelho não teme o mundo lá fora, o mundo para além dos muros da sua casa, da sua família. Ela reconhece a sua beleza, se encanta com as surpresas que vai encontrando ao longo do seu caminho, este mundo para além do lar, que é demasiado atraente. Ela encontra ao longo do caminho, nas escolhas que vai fazendo, o conflito entre o princípio do prazer e o princípio da realidade (BETTELHEIM, 2018).

Materiais necessários para a contação da história “Chapeuzinho Vermelho”: Tapete; almofadas; lápis preto; borracha; apontador; lápis de cor; giz de cera; canetinhas hidrográficas; folhas de ofício brancas e coloridas; tesoura; cola; vendas; saco surpresa (bola, lagartixa, cobra, carro, boneca, lobo, frutas, flores, objetos diversos); luva para a contação da

história “Chapeuzinho Vermelho”; fantasia da Chapeuzinho Vermelho; adereços dos personagens da história (Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Vovó, Lenhador); cartolinas; tintas coloridas; copos de plástico; panos; pincéis; som; música com sons da floresta; revistas e livros, e cesta de papel (dobradura).

Figura 6 - Luva para Contação da História: Chapeuzinho Vermelho



Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

Quadro 3 – Era uma vez... Chapeuzinho Vermelho

História: Chapeuzinho Vermelho	História: Chapeuzinho Vermelho
1º Encontro	2º Encontro
Mês: Maio	Mês: Maio
<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada com um tapete e almofadas dispostas ao longo do mesmo. As crianças que demonstrarem curiosidade em participar serão vendadas e convidadas a tentar descobrir o que encontra no “Saco Surpresa” (bola, lagartixa, cobra, carro, boneca, lobo, frutas, flores, objetos diversos).</p> <p>O tempo da contação da história: A história será com a luva, com as personagens, e a contadora da história estará com adereços,</p>	<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada à espera das crianças, com sons relacionados à floresta. Os registros realizados pelas crianças, no encontro anterior serão expostos na parede.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será encenada pelas crianças, que terão à sua disposição adereços dos personagens que compõem a história e a luva (Chapeuzinho Vermelho, Lobo, Vovó e o Lenhador).</p>

<p>fantasia, que lembrem a personagem da história, a Chapeuzinho Vermelho.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro da história será em uma cartolina com pincel e tintas coloridas.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo.</p>	<p>O tempo do registro da história: O registro será realizado com recorte e colagem de figuras de alimentos encontradas em revistas e livros, e coladas em uma cesta de papel, que será entregue para cada criança.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo.</p>
---	--

Fonte: (A autora).

Explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante, para ela destrói, além de tudo, o encantamento que a mesma pode ter pela narrativa da história. Do mesmo modo pode ocorrer uma perda do potencial que a história em questão tem para a criança, e que ela por conta própria busca elementos para elaborar conflitos que fizeram com que a mesma se tornasse tão significativa (BETTELHEIM, 2018).

6.5.4 História: Era uma vez “Cinderela”

“Era uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor: - Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei sempre por ti. E dito isto, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada da Europa cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo [...]”.

(PERRAULT, 1989)

A história da Cinderela dá um colorido ao sofrimento cinzento de não ser amada pelo pai, que acaba por abandoná-la na presença de uma madrasta e duas irmãs, e ainda precisa conviver com a dor da perda da sua mãe. Todos estes conflitos são trazidos para a cena doméstica, do lar, e a história permite uma transferência de qualquer filho com ela, já que muitos se sentem injustiçados e, por vezes, pouco amados (CORSO; CORSO, 2006).

As suas meias-irmãs e a madrasta submetem a Cinderela a situações de humilhação, sacrificando os seus próprios interesses para satisfazer os interesses delas. Nisso, não há nenhum crédito, ao contrário, cada vez mais ela é exigida e cobrada. A criança quando se depara

com estas experiências da rivalidade paterna, se sente assim, embora em muitas situações as relações entre os irmãos não lhe deem motivos para tal sentimento. A narrativa da história permite dar vazão para estes conflitos internos que a criança convive, oferecendo imagens e endereçamentos para estas emoções intensas (BETTELHEIM, 2018).

A dualidade entre a mãe e a madrasta é representada nos diferentes papéis atribuídos à figura da mãe, que mesmo morta continua se fazendo presente na vida das crianças, tanto nos pensamentos, como na história, que se faz presente na figura da fada madrinha. O conto da Cinderela lança questões sobre a importância das memórias, o valor simbólico que as mesmas têm na primeira infância, valores que seguem na vida adulta.

Materiais necessários para a contação da história “Cinderela”: Tapete; almofadas; lápis preto; borracha; apontador; lápis de cor; giz de cera; canetinhas hidrográficas; folhas de ofício brancas e coloridas; tesoura; cola; palitos de picolé; lata cenário surpresa com os personagens da história; casa para teatro; tintas coloridas; pincéis; copo de plástico; pano e carimbos feitos de abóbora (moldes).

Figura 7- Lata Cenário Surpresa com os personagens principais da história.



Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

Quadro 4- Era uma vez... Cinderela

História: Cinderela	História: Cinderela
1º Encontro	2º Encontro
Mês: Maio	Mês: Maio

<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada com um tapete e almofadas dispostas ao longo do mesmo, em círculo. No meio do círculo terá brinquedos referentes à casa, cozinha (panelas, fogão, pratos, colheres, garfos, facas, ferro de passar roupa, vassoura...) espalhados, para que as crianças possam interagir livremente.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será contada através de uma lata, cenário surpresa com os personagens principais, na casinha para teatro.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro da história será a confecção de palitoches, dos personagens da história.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo.</p>	<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada com um tapete e almofadas, e uma música instrumental.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será encenada pelas crianças, utilizando os palitoches confeccionados por elas no encontro anterior.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro será realizado através de carimbos feitos de abóbora. Os moldes já estarão prontos e serão oferecidos para as crianças, que com o auxílio de pincéis e tintas coloridas estarão carimbando em uma cartolina,</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo.</p>
--	--

Fonte: (A autora).

A permanência desta história, Cinderela, até os dias atuais é curiosamente extemporânea, pois a vida das mulheres sofreu muitas transformações, mas a construção da identidade feminina ainda requer que ela, a mulher, se disponha a desempenhar um certo papel para uso da fantasia masculina. Cinderela será qualquer mulher que na sua intimidade se disponha a brincar nos relacionamentos de esconde-esconde e a deixar em seu rastro um fetiche como uma isca para sedução (CORSO; CORSO, 2006).

6.5.5 História: Era uma vez “João e o Pé de Feijão”

“Há muitos e muitos anos existiu uma viúva que tinha um filho chamado João. João e a mãe eram muito pobres e, para se manterem, contavam apenas com uma vaca, cujo leite vendiam na cidade. Um dia, porém, a vaca parou subitamente de dar leite, e a pobre mulher, tendo perdido assim a fonte de seu sustento, ficou preocupada e sem saber o que fazer. João, de sua parte, começou a procurar um emprego, com o qual pudesse ajudar a mãe. Mas os dias foram passando sem que ele arranjasse coisa alguma para fazer. Assim, a única solução que encontraram foi vender a vaca, pois o dinheiro daria pelo menos para viverem por algum tempo (JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO)”.

João e sua mãe viviam sozinhos, e o menino nunca soube da tragédia vivida pelo seu pai, sobreviviam às custas de sua vaca branca de leite, sua mãe também demonstrava descontentamento com o filho. Os dois acabaram por ficar ameaçados pela fome e miséria, foi então, que João saiu de casa com a simples tarefa de vender a vaca na feira, mas ainda no meio do caminho encontrou um açougueiro que lhe fez uma proposta, a de trocar a vaca por um punhado de feijões mágicos. Os feijões mágicos foram atirados da janela pela sua mãe, que não ficou nada contente com a troca, os feijões cresceram até que os galhos alcançaram as nuvens que conduziam a uma casa gigantesca, onde João encontrou um ogro e um saco cheio de moedas.

O negócio realizado por João merece uma ressalva na seguinte questão, sobre a troca de algo valioso, que traz o sustento para a família, o leite da vaca, por algo que é da ordem de uma promessa, impalpável. O fato é que a promessa dos feijões se realiza, pois, toda a criança vai experimentar, um dia, o seu corpo, crescer, brotar como um pé de feijão, rumo ao céu. Para crescer é preciso renunciar as vantagens de ser pequeno, como o leite do seio materno, na história representado pela perda da vaca de leite (CORSO; CORSO, 2006).

Este conto é propício para falar da morte simbólica do pai, reconhecimento familiar do crescimento e das diversas conjugações da figura do pai ao longo do processo da construção da identidade do filho. Na história, temos a figura de três homens num papel que poderíamos considerar paterno, o açougueiro, o bom e nobre pai de João, e o assustador ogro. O açougueiro é um personagem que aparece na história para marcar a intervenção necessária entre o filho e o seio materno, mostrando um caminho possível para o crescimento. O nobre cavalheiro que aparece na história representaria uma permissão simbólica para a retomada dos tesouros. O ogro representa este pai na visão primitiva da criança, o dono do pedaço, o dono da mãe e vê o filho como uma posse (CORSO; CORSO, 2006).

A volta ao lar no final da história é como vivenciar um fio de continuidade, sentir-se parte de uma história, ter uma filiação, confirmar a sua identidade nas várias circunstâncias da sua vida. Por isso, no conto, como na vida, o filho vai e a mãe fica, pois, a mãe é a fiel depositária da memória da infância perdida, é a possibilidade de um resgate destas memórias da infância (CORSO; CORSO, 2006).

Materiais necessários para a contação da história “João e o Pé de Feijão”: Tapete; almofadas; lápis preto; borracha; apontador; lápis de cor; giz de cera; canetinhas hidrográficas; folhas de ofício brancas e coloridas; tesoura; cola; palitos de picolé; painel de contação de história com o cenário e os personagens da história; copos plásticos; algodão; sementes de

feijão; água; leite; achocolatado; banana (vitamina) e saco pequeno com grãos de feijão com um cartão escrito pela terapeuta.

Figura 8 - Painel de Contação da História “João e o Pé de Feijão”, com o cenário e personagens.



Fonte: (Arquivo pessoal da pesquisadora).

Quadro 5 – Era uma vez... João e o Pé de Feijão.

História: João e o Pé de Feijão	História: João e o Pé de Feijão
1º Encontro	2º Encontro
Mês: Junho	Mês: Junho
<p>O tempo da palavra: A sala estará organizada com um tapete e almofadas dispostas ao longo do mesmo. Enquanto as crianças conversam e exploram o espaço, elas serão convidadas a tomarem uma vitamina de leite, banana e chocolate, ao som de uma música ambiente.</p> <p>O tempo da contação da história: A história será contada através de um painel com o cenário da história, e os personagens aos poucos vão sendo apresentados e fixados no mesmo.</p> <p>O tempo do registro da história: O registro será realizado com o plantio de um feijão, que</p>	<p>O tempo da palavra: Como será o último encontro, teremos uma exposição de todas as produções realizadas pelas crianças ao longo do corredor que leva à sala do Núcleo de Apoio às escolas. Teremos um tempo para a exploração, para vivenciar este corredor carregado de histórias, que ao longo dos meses foram sendo descortinadas.</p> <p>A sala estará organizada com um tapete e almofadas dispostas ao longo do mesmo. No meio do tapete estarão os nossos feijões “simbólicos”, pois o grupo estará sendo encerrado, mas cada um levará um pouco das experiências consigo, simbolizado pelo feijão.</p>

<p>após será levado para casa, como um objeto simbólico do Ateliê;</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo.</p>	<p>O tempo da contação da história: Será um tempo de confraternização, de contação de histórias, de conversa, música, dança.</p> <p>O tempo do registro da história: Estaremos registrando com uma foto, a foto do Ateliê, a foto que representará as singularidades, as pluralidades, as inclusões. Além do feijão plantado no encontro anterior, cada criança levará para a sua casa, um saco pequeno com grãos de feijão e um cartão.</p> <p>O tempo de exposição ao grupo: Após o registro, cada criança, fará o seu relato para o grupo de como se sentiu ao longo destes encontros.</p>
--	--

Fonte: (A autora).

O trabalho de uma análise frequentemente repete a operação de João, primeiro pegar as riquezas dos pais, sejam poucas ou fartas, após conscientizar-se que são provenientes deles e apropriar-se, para então aceitar que elas são parte da sua história. Para sabermos quem somos é fundamental sabermos as nossas origens, e de que se constituem as nossas bagagens que carregamos de um lado para o outro, a qual nomeamos, identidade (CORSO; CORSO, 2006).

7 CRONOGRAMA

Ateliê de Contos Infantis	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
Conhecer o Território de Pesquisa	X				
Entrevista com as famílias, professores e crianças	X				
Escolha das histórias que serão contadas no ateliê	X				
História - O Patinho feio		X			
História - João e Maria		X			
História - Chapeuzinho Vermelho			X		
História – Cinderela			X		
História – João e o Pé de Feijão				X	
Entrevista com as famílias, professores e crianças				X	X
Análise dos dados				X	X

Fonte: (A autora).

8 CONCLUSÃO

Oração Ao Tempo

És um senhor tão bonito
 Quanto a cara do meu filho
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Vou te fazer um pedido
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
 Tambor de todos os ritmos
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Ouve bem o que te digo
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
 E pareceres contínuo
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 És um dos deuses mais lindos
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
 No som do meu estribilho
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Ouve bem o que te digo
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo
 E o movimento preciso
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Quando o tempo for propício
 Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
 Ganhe um brilho definido
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 E eu espalhe benefícios
 Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso
 Fique guardado em sigilo
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Apenas contigo e migo
 Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído
 Para fora do teu círculo
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Não serei nem terás sido
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Num outro nível de vínculo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo

(CAETANO VELOSO, 1979)

...Tempo, tempo, tempo... é um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho.

...O antes, o durante e o depois, estes três tempos, que se conectam e se desconectam e se fazem meus companheiros neste processo.

...Tempo de uma travessia, que procurei viver cada detalhe, suas belezas e os seus desassossegos. Tempo necessário de construção para endereçar as minhas considerações finais ou talvez iniciais, e me pego novamente pensando, lembrando da importância das histórias infantis na minha constituição, nas minhas experiências, sejam no tempo da infância, sejam ao longo da minha vida pessoal e profissional, tempo da adolescência, tempo da vida adulta, tempos que se atravessam e me constituem.

Esse trabalho “Era uma vez o Ateliê: Uma Travessia pelos Contos Infantis”, proposto como um Espaço Terapêutico Educacional de Apoio às escolas, para crianças da Educação Infantil, buscou lançar um olhar sobre as fragilidades apresentadas pelas crianças, dentro do contexto escolar, das escolas atendidas pelo Núcleo de Apoio às Escolas, pelas práticas da psicanálise e dos contos infantis.

Teve como objetivo propor o Ateliê de contos infantis como um espaço terapêutico educacional para possíveis (re) inscrições das fragilidades, das experiências de socialização e aprendizagem apresentadas pelas crianças da educação infantil, na escola.

O método da investigação propôs o Ateliê como uma possibilidade para pensar as fragilidades apresentadas pelas crianças da Educação Infantil na escola, buscando assim, um espaço de inclusão, no qual os participantes são protagonistas das suas histórias, a partir de um compartilhamento possível, por meio dos contos infantis, cada criança, nas singularidades destas histórias, poderá (re) inscrever a sua.

O Ateliê foi pensado como um espaço, potente, para inaugurar uma possibilidade de “encontros”, um encontro com o outro e ao mesmo tempo um encontro com um dizer de si, com as histórias individuais que podem atravessar e fazer laço com a história do outro. Com base nestes objetivos se fez a preposição dos seguintes contos infantis:

O Patinho Feio, uma que história aponta para questões como: desamparo infantil, vínculo mãe-bebê, angústia de separação, valor social da maternidade e do amor materno,

sentimentos de inadequação e de rejeição na família.

João e Maria possibilita reflexões sobre: a concepção oral do mundo, aquisição da locomoção, desmame, fantasia de ser devorado, fantasia de ser expulso do lar e distúrbios alimentares.

Chapeuzinho Vermelho propõe no seu enredo acionar questões relacionadas com fantasias de sedução por um adulto, fantasia de incorporação e o papel do medo da função paterna.

Cinderela conto que lança questões sobre a importância das memórias, o valor simbólico que as mesmas têm na primeira infância, valores que seguem na vida adulta.

João e o Pé de Feijão, este conto possibilita apontar para falar da morte simbólica do pai, reconhecimento familiar do crescimento e das diversas conjugações da figura do pai ao longo do processo da construção da identidade do filho.

Ao acreditar na potência das histórias, na (re)inscrição dessas possíveis fragilidades que busquei escrever e pesquisar sobre esta temática que tanto me convoca.

As histórias, nas suas narrativas falam de vidas, vidas que se transpõem na minha história e nas diferentes histórias que o “Ateliê” poderá acolher, sempre acreditando no inédito, no singular e no plural, respeitando as diferentes inclusões.

Procurei tecer artesanalmente estas palavras como uma proposta de narrativas, fragmentos, recortes, lembranças, da infância, da criança, da fantasia, dos contos infantis, das relações, dos afetos, dos desafetos, dos tempos, buscando um olhar para as experiências, para o experimentar nas relações. Um conto-dissertação, uma escrita, sem a pretensão de um final feliz, de um fechamento, pois esta proposta não se finda com esta conclusão, ela se transforma em outros contos-tempos que transbordarão novas experiências, práticas, de pesquisa, novas travessias e muitas travessuras. Um conto que me convocou muitas angústias, tempo de encubação e tempo de florescer.

Este trabalho buscou um olhar atento a educação, aos contos infantis, aos sujeitos, crianças, que irão fazer parte desta proposição, sujeitos atravessados pela linguagem, pelas inscrições simbólicas ao longo da sua constituição. Procurei a partir da literatura infantil, apresentar diferentes cenas e cenários, propor um espaço de experimentar, em companhia, uma experiência que coloca em questão “a história” que será contada por cada um, a cada encontro.

Acredita-se que o “Ateliê”, este espaço terapêutico educacional, que tem como um dispositivo os contos infantis se constituirá pela letra, pela narrativa, pela escuta, pelas trocas de olhares, pelo corpo todo, ele se dará pelas ressignificações. Esta, se configura como uma possibilidade de (re) inscrever uma história com fragmentos, recortes de outras tantas, que

promovam um novo dizer de si.

O ateliê inaugura uma possibilidade de “encontros”, aproximações entre a educação e a psicologia, um encontro com o outro e, ao mesmo tempo, um encontro com um dizer de si, com as histórias individuais que podem atravessar e fazer laço com a história do outro. Um ateliê de contos infantis pode propiciar uma visualização da criação lá aonde ela resulta em um olhar sobre o “ser sujeito”, sempre inacabado, em processo, um enfrentamento com o desassossego que nos é inevitável. Um ateliê pensado como um espaço aberto à produção de um estilo, o campo das histórias, aonde o passado e o futuro são esculpidos no ato das narrativas infantis.

Pretendeu-se com esta investigação refletir sobre o efeito dos contos nas fragilidades destas crianças encaminhadas ao NAE, onde cada integrante do grupo poderá confeccionar um olhar sobre o seu fazer, sua história de vida, seus dilemas, angústias que apontem para uma caminhada do sujeito. Então, o presente trabalho propôs uma análise destas fragilidades de socialização e/ou aprendizagem dessas crianças mergulhadas no universo das histórias.

O Ateliê foi pensado como operador, que tendo os contos como mediador acione o sujeito, possibilitando assim, fazer surgir uma série de rastros que apontem para um sujeito vivente com as narrativas dos contos, um enfrentamento com as suas angústias no desafio de (re) inscrições da sua própria história.

Devido ao cenário atual, no qual nos encontramos desde o início de março de 2020, tendo em vista a pandemia do coronavírus, este projeto necessitou passar por algumas adequações, pois não foi possível colocá-lo, o Ateliê, em prática. Sendo assim, as propostas de intervenção foram apresentadas e serão realizadas em projetos futuros. A Instituição, Universidade Luterana do Brasil, local onde o Núcleo de Apoio às Escolas está situado, dentro da Clínica de Psicologia, interrompeu as suas propostas de intervenções práticas, necessitando assim, de adaptações e um período de espera para que as atividades retornassem em segurança para os estudantes, professores, colaboradores e público-alvo atendido.

As fragilidades de socialização e aprendizagem que proponho não é o foco específico desta pesquisa, mas são os elementos, os critérios de inclusão, que farão os encaminhamentos para o Ateliê. Esta pesquisa teve como foco fazer uma travessia na história dos contos infantis, e foi acreditando no potencial das imagens, da fantasia, nas interpretações, nos significados que os mesmos poderão colaborar para estas experiências da infância, que o Ateliê foi se costurando, aparecendo, existindo, se materializando, como o produto desta dissertação.

Portanto, sigo na certeza que a cada tempo, novas aprendizagens, um não saber, e que os vínculos aqui constituídos seguirão fazendo parte da minha história, das minhas lembranças que como um sopro sonoro, olfativo ou visual se farão presentes. Nas rimas do meu estilo sigo

acreditando nos ateliês, na arte, na escuta, no acolhimento a todos, principalmente nas histórias, sem julgamentos, rótulos ou exclusão.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família Rio de Janeiro**: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política* (pp. 197-221) São Paulo, SP: Brasiliense. (Original publicado em 1936), 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação**, São Paulo, Ed. 34, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas (1903-1990)**. 36. ed. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CASANAVE, Carlota. M. I. de L. **As tramas de mnemosine: A memória nos primórdios da teoria freudiana**. Tese de Doutorado: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP: [s. n.], 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Tania; VORCARO, Angela (orgs.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

FREUD, Sigmund. **La Afasia** (R. Alcade, Trad.). Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

FREUD, Sigmund. Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907-1908). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade. (Obra original publicada em 1916[1915]). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos** (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise) (1914-1980). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-Estar na civilização (1929). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o “bloco mágico” (1925). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras (1969) In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol. III. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.

GRIMM, Jacob. GRIMM, Wilhelm. **Contos de Fadas**. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 1994.

GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. **Revista Viver Mente & Cérebro**. Ano XIII, n. 142, nov. 2004.

GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 2010.

HOLANDA, Chico Buarque de; Sivuca. **João e Maria**. In: Álbum: A obra de Chico Buarque, 1979.

JERUSALINSKY, Alfredo. (Org.) **Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar**. (Lichtenstein, Diana. Mário. trad.). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Para entender a criança: chaves psicanalíticas**. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

KLEIN, Melanie. **Psicanálise da criança** (3a. ed.). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

_____. A técnica da análise de crianças pequenas. In: **A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1926.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 246 p

LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora: O corpo na linguagem**. Tradução de Julieta Jerusalinsky. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2010.

NASIO, Juan David. **A Fantasia.** Tradução André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA, Fátima, C. M. **A arte da reescritura: uma resignificação?.** Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – SBPSP, 2011.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego** - composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Richard Zenith (Org.) 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1989.

TREVISAN, Ester. Atelier de escrita: a construção de um lugar de endereçamento. In: **Psicose: aberturas da clínica.** Porto Alegre: Libretos, 2007.

VELOSO, Caetano. **Oração ao Tempo.** Livro letra Só. Organizador Eucanaã Ferraz. Editora: Companhia das Letras, 1979.

ANEXO A - FICHA DE ENTREVISTA INICIAL - NAE



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
SANTA MARIA
 CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA



FICHA DE ENTREVISTA INICIAL

NÚCLEO DE APOIO A ESCOLA

IDENTIFICAÇÃO DO PACIENTE

DATA ENTREVISTA INICIAL __/__/__

Nome: _____ Idade: _____ Data Nascimento: __/__/____
 Endereço: _____ CEP: _____
 Encaminhamento Escolar: _____ Telefone(s): _____

IDENTIFICAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS

DATA ENTREVISTA INICIAL __/__/__

Nome da Mãe: _____ Idade: _____ Data Nascimento: __/__/____
 Sexo: ()F ()M Escolaridade: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____ CEP: _____
 Telefone(s): _____ Local de Nascimento: _____
 Profissão: _____ Ocupação: _____ Renda Familiar (aproximada): _____
 Nome do Pai: _____ Idade: _____ Data Nascimento: __/__/____
 Sexo: ()F ()M Escolaridade: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____ CEP: _____
 Telefone(s): _____ Local de Nascimento: _____
 Profissão: _____ Ocupação: _____ Renda Familiar (aproximada): _____

IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Nome da Escola: _____ Data de Encaminhamento: __/__/____
 Responsável pela Direção: _____
 Nome da Orientadora Pedagógica: _____
 Turma e Profª responsável: _____
 Endereço da Escola: _____ CEP: _____
 Telefone(s): _____

Expectativas a respeito do atendimento:

Tratamentos anteriores (psicológicos e não psicológicos):

Uso de medicação/psicotrópicos:

ANÁLISE DE CONTEXTOS (familiar, social, educacional, ocupacional e econômico)

OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES

Santa Maria, / /

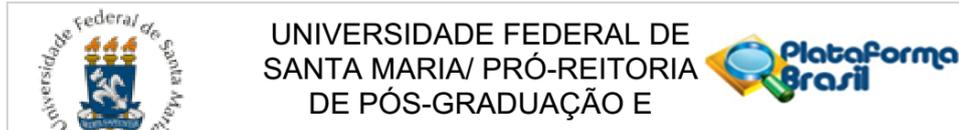
Nome:.....
Estagiário (a)

Nome:.....
Estagiário (a)

Nome:.....CRP.....
Psicóloga Técnica

INFORMAÇÕES SOBRE A FINALIZAÇÃO DOS ATENDIMENTOS/TRATAMENTO

ANEXO D - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação Especial: formação e práticas pedagógicas

Pesquisador: FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 12626119.6.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.326.286

Apresentação do Projeto:

A proposta se constitui em um projeto guarda-chuva, vinculado ao NUPEI e pretende analisar as configurações da Educação Especial com foco nos seus processos formativos e no delineamento das práticas pedagógicas nas redes de ensino (municipal, estadual, federal e privada) no município de Santa Maria/RS, compreendendo este fenômeno como produto das conexões entre os determinantes históricos, políticos, econômicos, culturais, sociais, educacionais.

Objetivo da Pesquisa:

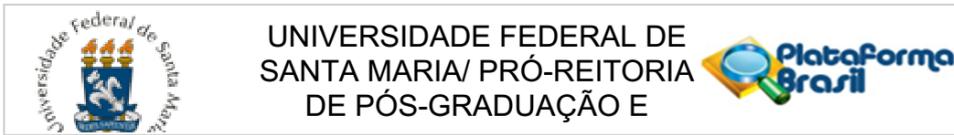
O objetivo geral está assim descrito: "Analisar as configurações da Educação Especial com foco nos seus processos formativos e no delineamento das práticas pedagógicas nas redes de ensino (municipal, estadual, federal e privada) no município de Santa Maria/RS."

Os específicos contemplam várias ações que iniciam em "Identificar o fluxo de matrículas de alunos da educação especial nas redes de ensino (municipal, estadual, federal e privada) e findam em "Propor formação continuada de professores para o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de sustentar a acessibilidade curricular a todos os alunos."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão descritos nos termos e atendem às exigências do projeto.

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.326.286

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia está ancorada na epistemologia da complexidade vinculada aos pressupostos do pensamento sistêmico que anuncia como elemento-chave desse campo a centralidade investigativa focada nos processos e nas relações, e não em objetos essencializados.

Os sujeitos da pesquisa serão gestores da educação especial das diferentes redes de ensino de Santa Maria; professores de educação especial e do ensino comum; acadêmicos dos cursos de educação especial da UFSM e das diferentes licenciaturas ofertadas na instituição.

Os dados serão obtidos por meio de:

- 1) consulta ao INEP referente ao fluxo de matrícula dos alunos nas diferentes redes de ensino, com especial atenção aos alunos da educação especial;
- 2) consulta a documentos oficiais;
- 3) entrevista semiestruturada com os gestores da educação especial nas referidas redes de ensino e com os professores de educação especial e do ensino comum;
- 4) entrevistas semiestruturadas com os acadêmicos das diferentes licenciaturas da UFSM;
- 5) observação no contexto educacional das práticas pedagógicas priorizando as ações articuladas entre os professores de educação especial e do ensino comum como garantia de acesso ao currículo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão em consonância com as diretrizes.

Recomendações:

Incluir riscos e benefícios no corpo do projeto. Só constam nos termos.

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos.

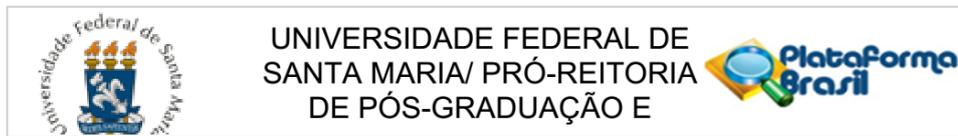
ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.326.286

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1341144.pdf	25/04/2019 18:32:55		Aceito
Outros	Termo_confidencialidade.pdf	25/04/2019 18:32:10	Julia Graziela Bernardino de Araújo Queiroz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_EE_Formacao_Praticas.pdf	25/04/2019 18:31:36	Julia Graziela Bernardino de Araújo Queiroz	Aceito
Outros	Cronograma.docx	25/04/2019 18:29:26	Julia Graziela Bernardino de Araújo Queiroz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	24/04/2019 17:11:11	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Outros	ComprovanteGAP_Projeto.pdf	24/04/2019 17:08:54	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Outros	Autoriz_UFSM.pdf	24/04/2019 17:08:22	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Outros	aut_municipio.pdf	24/04/2019 17:07:26	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Outros	Termo_confidencialidade.docx	24/04/2019 17:06:12	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Orçamento	orcamento_NUEPEI.docx	24/04/2019 17:05:45	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_EE.pdf	24/04/2019 17:05:08	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_NUEPEI.pdf	24/04/2019 16:58:47	FABIANE ROMANO DE SOUZA BRIDI	Aceito

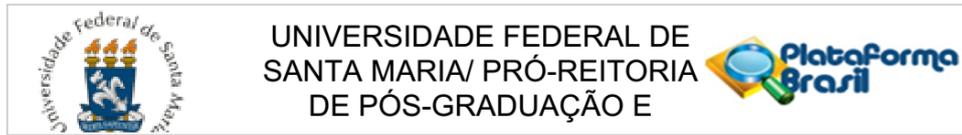
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.326.286

SANTA MARIA, 15 de Maio de 2019

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com